

# PLACAR

AS OLIMPIADAS



OS GRANDES  
CAMPEÕES



AS TRAGÉDIAS



OS ANOS 80

# RETROSPECTIVA

O BRASIL  
NA FÓRMULA 1



FLAMENGO,  
O TIME DA DÉCADA



TABELÃO ESPECIAL COM TODOS OS CAMPEÕES

# POR QUE OSMAR? OSMAR POR QUÊ?

RIPA NA CHULIPA E  
PIMBA NA GORDUCHINHA.

FAZ COMO FAZIA O MANÉ:  
PÔE NA RODA O JOSÉ.

O PAI DA MATÉRIA.

MASSAGEIA O EGO  
DA GALERA.

É LÁ QUE A  
MENINA MORA.

É FOGO NO  
BONÉ DO GUARDA.

ESSE GAROTO ESTÁ  
COM A BOLA TODA.

CAROÇO DO ABACATE.

PISOU NO  
TOMATE.

POR QUE PAROU?  
PAROU POR QUÊ?



Ora, por quê!

Porque ninguém fala a linguagem do povo como Osmar Santos. Ele tem talento e sensibilidade para pegar no ar as expressões, o jeito de falar das pessoas e dos amigos para transmitir para milhões de ouvintes, com a voz forte da líder em audiência, a Rádio Record. O futebol ficou mais descontraído com Osmar Santos. O que ele fala vira moda. E o Osmar não pára! E por que parar?

*Rádio Record*  
1000 kHz

A MAIOR AUDIÊNCIA DO RÁDIO.

# PLACAR

N.º 1021

JANEIRO DE 1990

## ■ CARO LEITOR

Chega ao fim uma década inesquecível para o esporte e, em particular, o futebol. Nesta edição especial de PLACAR, você vai reviver momentos grandiosos — e outros nem tanto — que marcaram o Brasil e o mundo nestes últimos dez anos. São cenas emocionantes, como as do Grêmio campeão mundial, do Botafogo campeão carioca, do Bahia campeão brasileiro e do fenomenal Flamengo de Zico. Os anos 80 também trouxeram a hegemonia verde-amarela na Fórmula 1, o fim dos boicotes nas Olimpíadas e, que saudade!, a maravilhosa vitória do nosso basquete sobre os Estados Unidos nos Jogos Pan-Americanos de 1987.

Muitas vezes, porém, não havia nada para comemorar. Afinal, nunca tantos craques abandonaram o Brasil e tantos dirigentes atrapalharam o futebol. Nunca também a violência das torcidas se mostrou tão selvagem.

Nas próximas páginas, esses e outros fatos estarão divididos em duas partes bem distintas. Na primeira, o destaque fica para os acontecimentos de 1989, um ano ainda tão vivo em nossa memória. Daí para a frente, você encontrará o balanço de toda a década.

Feliz ano-novo! Feliz anos 90!

## ■ SUMÁRIO

AS CORES DO CAMPEÃO BRASILEIRO	4
O SÃO PAULO MANTÉM A ESCRITA	6
NENHUM TABU SEGURA O FOGÃO	7
A SELEÇÃO RENOVADA	8
QUEM SUBIU E QUEM DESCEU EM 1989	10
AS FRASES QUE FIZERAM HISTÓRIA	12
OS ANOS 80 SÃO DO FLAMENGO	14
O FUTEBOL FICA MAIS PROFISSIONAL	18
OS BRASILEIROS CONQUISTAM TÓQUIO	20
CORINTHIANS, FLU E VASCO: OS PAPÕES	24
OS PERDEDORES DA DÉCADA	28
AS TRAGÉDIAS ABALAM OS ESTÁDIOS	30
MINUTO DE SILÊNCIO	31
A GUERRA FRIA E AS OLIMPIADAS	32
A FÓRMULA 1 VERDE-AMARELA	34
O TABELÃO DOS CAMPEÕES	36
PARA INICIAR OS ANOS 90 COM HUMOR	39



**16** Empresários europeus descobrem no Brasil uma ótima fonte para importar craques, como Careca, do Napoli

REPORTRESS



ORLANDO KISSNER



SENGIO SALE

**22** A festa do povo no embalo do Bahia de Paulo Rodrigues e Bobô: destaque entre os campeões nacionais

**26** O argentino Maradona ganha sozinho a Copa de 1986, no México: como Mané Garrincha, em 1962

■ CAMPEÃO BRASILEIRO

# A FORÇA DA SELE-VASCO

*O time de São Januário supera todas as crises e confirma seu favoritismo*

Quando o Campeonato Brasileiro começou, ninguém tinha dúvida. Com um time formado por Acácio, Luiz Carlos Winck, Mazinho, Andrade, Marco Antônio Boiadeiro, Bismarck e Bebeto, sua principal estrela, o Vasco era o grande favorito ao título. A chegada do zagueiro equatoriano Quinónez e do apoiador Tita, no meio da competição, reforçou a certeza de que o título tinha um dono certo. A taça só poderia ficar com a Sele-Vasco.

No dia 16 de dezembro, o time comprovou todas as expectativas e deixou o Morumbi com uma emocionante vitória de 1 x 0 sobre o São Paulo na finalíssima. Oito mil torcedores venceram os 450 km entre as duas capitais e comemoraram loucamente o título. Entre os heróis do gramado, no entanto, a alegria pela conquista se misturava ao desabafo. Afinal, nunca foi tão difícil — e desgastante — confirmar um favoritismo.

Nessa inesquecível travessia, o Vasco venceu muitas tempestades enquanto lutava para entrosar tantas estrelas que tinham acabado de chegar a São Januário. A cada empate ou vitória apertada, torcida, imprensa e os próprios dirigentes desabavam suas críticas sobre o treinador Nelsinho, auxiliar técnico de Sebastião Lazaroni na Seleção Brasileira. As intrigas aumentavam, as discussões se sucediam e tudo parecia perdido, pois até Bebeto, a contratação do

ano, não acertava o passo no ataque. A derrota por 2 x 0 para o arquiinimigo Flamengo parecia a comprovação da queda.

Pois naquele dia 5 de novembro, o Vasco começou sua grande arrancada ao título. "Decidimos que a auto-suficiência não levaria a nada", recorda o atacante Bismarck. "Era preciso suar a camisa." E assim foi feito. O time enfiou uma retumbante goleada de 4 x 2 no Náutico, conseguiu empates eletrizantes contra a Inter de Limeira, fo-



Sorato marca o gol do título contra o São Paulo (acima): comandado por Bebeto (à esq.), o time de estrelas do Vasco atropela na reta final e faz a festa de Cassio, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck (à dir.)

ORLANDO KISSNER



ORLANDO KASSNER



NELSON COELHO

ra de casa, e o Botafogo, ambos em 2 x 2.

Os tropeços do Palmeiras, líder do Grupo B até então, ajudaram bastante, é verdade. Discute-se ainda a má atuação do juiz Gilson Cordeiro na vitória vascaína sobre o Corinthians. Mas nada disso apaga um fato indiscutível: na reta final, o Vasco arrasou.

"Eles mereceram", reconheceu o derrotado técnico são-paulino Carlos Alberto Silva depois da bela exibição do Vasco. No Morumbi, a equipe carioca mos-

trou por que teve a melhor campanha entre os 22 times. Partiu para cima do adversário em território inimigo e, numa atuação irretocável do goleiro Acácio e do lateral Mazinho chegou ao título com um gol do atacante Sorato, aos 5 minutos do segundo tempo.

Era a consagração tão esperada. Estava finalmente comprovada a superioridade de quem começou o campeonato sob o olhar de inveja dos concorrentes. Depois de muitas agruras, a Sele-Vasco, campeã brasileira, mostrara sua força.

GRÊMIO CAMPEÃO GAÚCHO E DA COPA DO BRASIL

## O PAPÃO DOS PAMPAS



MC ESTEVES

Os gremistas dão a volta olímpica: festa que já virou rotina

Se existe um time que não deu bola para o decepcionante desempenho no Campeonato Brasileiro, esse é o Grêmio, que não tinha motivos para tanta ambição. Afinal, o tricolor fez demais em 1989. Aumentou a agonia do inimigo Internacional ao conquistar o pentacampeonato gaúcho em junho e três meses depois faturou a primeira Copa do Brasil — uma competição de que participam os campeões e os mais qualificados vices de cada Estado e cujo vencedor garante presença na Taça Libertadores da América.

Como já perdeu a graça rir da desgraça dos colorados, o Grêmio fez a festa mesmo com o título inédito da Copa do Brasil. Depois de uma campanha avassaladora com sete vitórias — uma por WO — e um empa-

te, os gaúchos chegaram à final com o Sport. Empataram em 0 x 0 no Recife mas, diante de 70 000 ensandecidos torcedores no Olímpico, não deixaram escapar a vitória. Meteram 2 x 1 e deram a volta olímpica. "Ganhamos porque mostramos a mesma personalidade do Campeonato Gaúcho", comparava o meia Cuca, artilheiro do time com seis gols e que selou o triunfo diante dos pernambucanos.

Tanta alegria já seria o suficiente para fechar o ano gremista. "Agora vamos levantar a Libertadores", gritava o goleiro Mazarópi. E a torcida acredita que a rotina de títulos vai continuar no Olímpico.



Um mar de mãos ergue o troféu de campeão paulista de 1989. O time do capitão Rai mostrou força e poder de reação. Armas que fizeram do São Paulo — com seu 16.º título — o vencedor da década

■ SÃO PAULO CAMPEÃO PAULISTA

# A MAIOR REAÇÃO DO TRICOLOR

*O time do Morumbi recupera o "espírito de campeão" e conquista seu quinto título estadual na década*

**D**ezembro ainda está próximo, mas o são-paulino tem uma certeza: 1989 deixou saudade. Foi o ano do 16.º título paulista, da chegada de Bobó, da afirmação de Rai e da surpresa Mário Tilico. Personagens que elevaram o tricolor ao time paulista da década, aquele que venceu a metade dos campeonatos disputados. E assim contagiou a torcida de tal maneira que ela decidiu enterrar de vez as insinuações de que não é numerosa — só na final, contra o São José, um coro de 90 000 vozes mostrou que o São Paulo é mesmo um "clube bem-amado", como canta seu hino.

E o mesmo se pode dizer do

são-paulino. Afinal, sem ser a favorita de outros anos, a equipe realmente não convenceu durante todo o primeiro turno. Chegou a empatar quatro vezes seguidas em 0 x 0 com times do interior. "Não havia qualquer união", revelou o zagueiro Adilson. "O futuro parecia negro."

Negro, é verdade, mas vermelho e branco também. Especialmente depois da chegada do técnico Carlos Alberto Silva, o homem predestinado que deu início, em 1980, a esta década de vitórias e seria o encarregado, nove anos mais tarde, de concluí-la com perfeição. O tricolor recuperou, antes de mais nada, a vontade de vencer. Um desejo



DILANIO RISINER

que, convenhamos, para um time com tantas glórias, nem sempre é fácil manter aceso. Reapareceu, assim, o decantado "espírito de campeão" de que tanto os jogadores falam e certamente deve rondar o Morumbi.

Algo que, mesmo sendo uma figura metafísica, de tão corriqueira, não assusta a ninguém no São Paulo — só aos adversários.

Talvez até apareça em forma humana, como o fantástico zagueiro Ricardo. Alegre fora de campo e um leão dentro da área. Seguramente a personificação da força e do talento de todo o time. Qualidades que fazem dos são-paulinos os torcedores mais felizes! Acostumados a comemorar, ano sim, ano não, um título de campeão. □

■ BOTAFOGO CAMPEÃO CARIOCA

# RENASCIMENTO DO GLORIOSO

*Depois de 21 anos, o Botafogo entrou novamente na órbita dos campeões*

**S**e o Menino Jesus nascesse no Brasil deste final de década, certamente os três reis magos teriam como guia a solitária estrela do Botafogo. Ela iluminou novamente um céu, que há 21 anos estava nublado, e mostrou na noite de 21 de junho de 1989 um brilho que há muito estava esquecido: o de campeão carioca. Mas essa certeza só se materializou quando, aos 12 minutos do segundo tempo, do segundo jogo da decisão, o atacante Mazolinha cruzou uma bola para a área do Flamengo. A primeira impressão foi de que o lateral-esquerdo rubro-negro Leonardo iria dominar o lance. Pressentindo que a bola não estava perdida, o ponta-direita Maurício se antecipou e empurrou a bola para o fundo das redes. Começava a se concretizar o grito de todas as gerações de botafoguenses: "É campeão, é campeão!"

E com que justiça! O título foi sacramentado de forma invicta e indiscutível, com quinze vitórias, nove empates, 37 gols a favor e apenas onze contra. "Mas só acreditei quando o marcador eletrônico escreveu 'Botafogo campeão'", disse o homem que trouxe a redenção ao Glorioso: o técnico Valdir Espinosa. No céu botafoguense, porém, a Estrela Solitária não passa de um símbolo, pois a conquista de 1989 entra para a história como o feito de uma constelação. Ricardo Cruz, Josi-

mar, Wilson Gottardo, Mauro Galvão, Marquinhos, Carlos Alberto, Vitor, Luisinho, Maurício, Paulinho Criciúma, Gustavo, Jéfferson e Mazolinha emanaram uma intensa luz naquela noite de 21 de junho. Um brilho que libertou o Botafogo de todos os tabus e foi capaz de indicar o caminho da felicidade não só aos alvinegros, mas para quem quisesse ser feliz. □



O técnico Valdir Espinosa (acima) é carregado como herói do título de 1989, que, com o gol do ponta Maurício (ao lado), encerrou de maneira brilhante a década dos botafoguenses

MARCO ANTONIO CAVALCANTI



SELEÇÃO BRASILEIRA

# VITÓRIAS DA NOVA GERAÇÃO

Conquistar a Copa América e superar o trauma chileno firmaram Bebeto, Romário & Cia.

Há tempos o Brasil não começa o ano da Copa do Mundo com tamanha tranquilidade. O técnico tem o respeito de torcedores e jogadores, o time está 80% definido e a grande questão parece ser como encaixar três craques no mesmo ataque. Toda essa paz é consequência dos resultados de 1989, um ano

que, como outros, recheou de obstáculos o caminho da Seleção, mas marcou a arrancada definitiva de uma nova geração com a camisa amarela.

Udine, Itália, 27 de março: Brasil 1 x Resto do Mundo 2. A despedida de Zico da Seleção em uma partida que Sebastião Lazaroni aproveitou para obser-

var os jogadores que atuam na Europa representou o fim de uma maravilhosa safra de craques — com Sócrates, Cerezo e Falcão, entre outros. Talentos que, por ironia, deixaram de escrever seus nomes entre os inesquecíveis campeões mundiais nas Copas de 1982 e 1986.

Estava aberto, assim, o caminho para Bebeto, Romário, Valdo e Cia., que, capitaneados pelo agora número 1 Careca, conquistaram em 1989, junto com a Copa América e a vaga nas eliminatórias, o status de líderes da nova geração do futebol brasileiro. Nessa fornada de craques, finalmente, abriu-se espaço para aqueles que deram ao país os mais expressivos títulos dos anos 80: o bicampeonato mundial de juniores.

Depois do trôpego início de testes e da malfadada excursão à Europa, o paciente Sebastião Lazaroni conseguiu armar com su-

cesso seu esquema na fase final da Copa América. Nele, brilharam Dunga e Bebeto, remanescentes — ao lado do reserva Geovani — do time de garotos campeão de 1983. Nele, também, despontaram Taffarel e Silas, jogadores que passamos a admirar — junto com o rebelde Müller — no bi de Moscou, dois anos mais tarde.

Para dar sabor a esse molho, que ainda tinha o tempero dos habilidosos Jorginho, Mauro Galvão, Mazinho e Branco, mestre Lazaroni tratou de dar uma mexida no requeitado quadro tático dos times brasileiros. Atualizou a Seleção ao escalar o libero, transformar os laterais em mais dois jogadores de meio-campo, usando ainda dois atacantes, livres para se deslocar em velocidade. Nada revolucionário ou que já não tenha sido empregado há anos por clubes europeus. Mas que, diante das cobranças



Careca (9) assume o posto de melhor jogador brasileiro da atualidade no comando de uma renovada linhagem de craques, que levou os chilenos a desesperada encenação de Rojas na decisão das eliminatórias



que limitam a ousadia e a criatividade dos técnicos brasileiros, caiu como uma pitada de pimenta numa feijoada sem gosto.

Foi saboroso ver tradicionais rivais sul-americanos terem uma indigestão em pleno Maracanã. Primeiro, a Argentina campeã mundial de Maradona, 2 x 0. Depois, os aguerridos paraguaios, 3 x 0. Por fim, os experientes uruguaios, com De León, Francescoli e Rubén Paz, que acabaram engolindo o 1 x 0, no mesmo 16 de julho no qual o Brasil perdeu o Mundial de 1950. Com o título da Copa América, conquistada depois de quarenta anos, a renovada Seleção passava pelo primeiro desafio.

Mas ainda faltava levar o Brasil ao Mundial e destronar o fantasma chileno — criado nos 4 x 0 do Sul-Americano anterior, em 1987, na Argentina. Motivados pelo incendiário Orlando Aravena, eles realmente acreditaram

que poderiam ser os primeiros a eliminar os brasileiros de uma Copa. Doce ilusão. Sem conseguir vencer em Santiago e com 1 x 0 contra no Maracanã, a solução foi encenar uma agressão para tentar a realização de um terceiro jogo em campo neutro. Só conseguiram amargar o vexame de serem punidos pela FIFA, que não caiu na armadilha do goleiro Rojas.

Uma atitude desesperada que também serve de elogio à Seleção de Lazaroni. Afinal, os chilenos reconheciam ali sua inferioridade. Impotentes, preferiram arriscar tudo. Não deu certo. E, para consagrar essa nova linhagem de craques, o que poderia ser melhor do que ganhar da Itália, os donos da festa na próxima Copa, lá mesmo, e com um golão de falta de André Cruz? Nada mais sugestivo: um jovem leva o Brasil à vitória em campos europeus bem ao estilo que consagrou a geração de Zico.

SEBASTIÃO LAZARONI

## NEM BURRO, NEM GÊNIO



Descrever a trajetória de Sebastião Lazaroni em seu primeiro ano como técnico da Seleção aparentemente ofende a lógica. Numa velocidade meteórica, esse mineiro de Muriaé, aos 39 anos, passou de desprezado substituto de Carlos Alberto Parreira, que preferiu ficar na Arábia Saudita, ao mais "burro entre os burros" para, logo em seguida, ser saudado como o homem que "revolucionou o futebol no país".

Nem um, nem outro. Aqueles que duvidavam da competência de Lazaroni quando o treinador assumiu o cargo em janeiro deveriam, no mínimo, respeitar o currículo de quem foi tricampeão carioca — em 1986, pelo Flamengo e, nos

O técnico soube ter paciência diante das críticas e ousadia para definir o esquema

dois anos seguintes, a frente do Vasco. Assim como questionar a inteligência do técnico durante a mal armada excursão à Europa e no campo de guerra de Salvador, na Copa América, é esconder a incompetência dos dirigentes. Mas santificá-lo pela adoção do líbero parece um exagero, certamente, creditado à euforia com a classificação para a Copa. Na verdade, sua grande contribuição foi popularizar uma idéia que já domina a Europa: no futebol, não existe mais posição fixa e, sim, função.

■ QUEM SUBIU E QUEM DESCEU

# PERSONAGENS DE OITO A OITENTA

No último ano da década, o sucesso e o fracasso fizeram a história dos ídolos



PAULO JOSE

## BEBETO

Ele se tornou imprescindível para Lazaroni, ficou entre os melhores do mundo e foi pivô de uma barulhenta ida para o Vasco



NELSON COELHO

## ROJAS

A encenação nas eliminatórias arruinou o goleiro chileno: foi suspenso pela FIFA, criticado em seu país e odiado no Brasil



MARCO ANTONIO CAVALCANTE

## BRASIL

A Seleção em alta com a Copa América, que Galvão ajudou a levantar, a classificação para o Mundial e o 1 x 0 na Itália



## FRANÇA

Mesmo treinados pelo ídolo Platini, os franceses dão vexame e são eliminados da Copa por Iugoslávia e Escócia



ARI GOMES

## LAZARONI

Com a ousadia de quem fugiu, na Seleção, da mesmice tática dos técnicos brasileiros, ele ganhou a confiança da torcida e da CBF



## CILINHO

Saiu do São Paulo e o time foi campeão estadual; depois de um recesso, assumiu o Guarani e acabou no torneio da morte



NELTON CLAUDINO

## BOTAFOGO

A estrela solitária subiu, impulsionada pela dedicação dos jogadores, e conseguiu o título carioca, depois de 21 anos



ORLANDO KISSNER

## CORITIBA

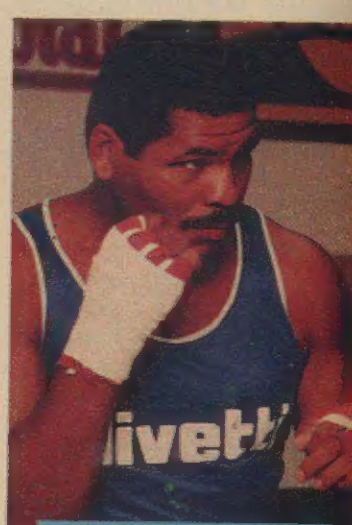
Na terra da malandragem, os paranaenses tentaram ser os mais malandros, foram à Justiça Comum e acabaram rebaixados



ORLANDO KISSNER

## ÊMERSON FITTIPALDI

Ou Emmo, para os americanos, que vibraram com o campeão da Indy, assim como os brasileiros festejavam o velho Rato da F-1



## MAGUILA

O sonho de desafiar o título mundial do peso-pesado Myke Tyson acabou na lona, nocauteado diante de Evander Holyfield

# O CRAQUE DO ANO

**A briga já começou e você não pode ficar de fora. Afinal, o seu voto vai ajudar a escolher o melhor jogador do futebol brasileiro em 1989**

## REGULAMENTO

**1.** A promoção O CRAQUE DO ANO vai premiar o melhor jogador de futebol brasileiro da temporada de 1989.

**2.** A escolha será feita em três fases:

**a.** votação dos leitores; **b.** votação do Júri da Crítica Especializada, a ser indicado por PLACAR; e **c.** votação do Júri Especial de PLACAR.

**3.** PLACAR publicará os cupons para votação dos leitores e só computará os que chegarem à redação antes de 1.º de fevereiro de 1990. Cada cupom vale um voto e, depois de devidamente preenchido, deve ser remetido à revista PLACAR, Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, SP. Semanalmente, será divulgada uma lista parcial dos jogadores mais votados.

**§ 1.º** — Poderão receber votos jogadores de futebol brasileiros que atuam em clubes do Brasil. Jogadores estrangeiros só receberão votos se estiverem atuando no Brasil.

**§ 2.º** — Não serão computados os votos enviados em cópias xerox nem aqueles que não forem despachados exclusivamente pelo Correio. Além disso, só será aceito o máximo de cinco cupons por envelope.

**4.** PLACAR submeterá os nomes dos dez mais votados pelos leitores ao Júri da Crítica Especializada, a ser formado por editores e colunistas dos principais jornais e emissoras de rádio e televisão do país. Daqueles dez nomes, este Júri escolherá os três que, no seu entender, mais se destacaram no ano de 1989. A partir desta lista tríplice, então, o Júri Especial de PLACAR — formado por jornalistas da redação da revista — elegerá o CRAQUE DO ANO.

**§ único** — O jogador que receber o prêmio O CRAQUE DO ANO por três vezes consecutivas ou alternadas será considerado *hors concours*.

**5.** Caso o CRAQUE DO ANO eleito pelo Júri Especial de PLACAR não seja aquele que recebeu o maior número de votos nos cupons, PLACAR concederá também o título de CRAQUE DO ANO ao jogador escolhido pelos leitores.

**6.** Os ganhadores dos anos anteriores (Zico, em 1981; Jorginho, em 1983; Sócrates, 1982 e 1983; Montanaro e Joaquim Cruz, em 1984; Ayrton Senna, em 1985; Careca, em 1986; Taffarel e Oscar Schmidt, em 1987; e Geovani, em 1988) fazem parte do Júri Especial de PLACAR, com direito a VOTO.

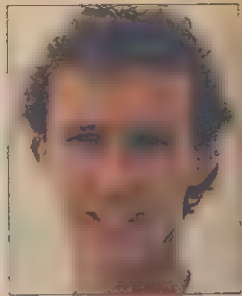


Zico



Sócrates

1982-1983



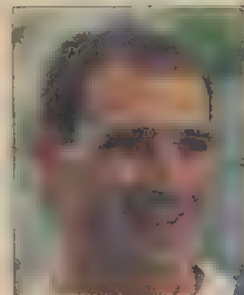
Jorginho

1983



Joaquim Cruz

1984



Montanaro

1984



Ayrton Senna

1985



Careca

1986



Oscar

1987



Taffarel

1987



Geovani

1988

## GALERIA COM OS MAIORES ÍDOLOS DESSA DÉCADA

De Zico, em 1981, na primeira edição da disputa, a Geovani, no ano passado, dez personalidades já conquistaram um dos títulos mais cobiçados do esporte nacional. Nesse tempo todo, só o meia Sócrates, hoje no Botafogo, de Ribeirão Preto, conseguiu repetir a dose: vencedor em 1982 e 1983

Escolhido pelo Júri Especial de PLACAR  
\*Escolhido pelo voto dos leitores

## O CRAQUE DO ANO

VOTO EM

CLUBE

Nome

Endereço

Cidade

Estado

CEP

Data de nascimento

• Preencha com uma letra em cada quadrinho

• Num envelope, envie para "PLACAR - O CRAQUE DO ANO", Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, SP

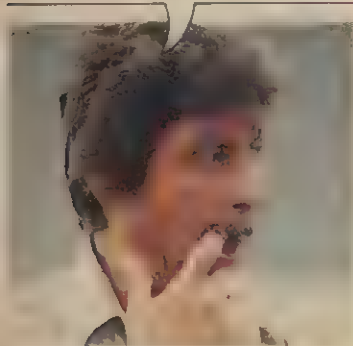
## FRASES

# JOGO DE PALAVRAS

As mais engraçadas, polêmicas e inteligentes frases em dez anos de muita discussão

## EU ME AMO

"Sou o mafioso mais honesto do Paraná"



Hélio Alves, supervisor do Atlético-PR, envolvido na máfia da Loteria (1983)

"Eu não nasci Platini. Eu me tornei Platini" O próprio (1984)

"Agora todos acreditam em mim. Se disser que vou de bicicleta à Lua, ninguém vai duvidar" Amyr Klink, após atravessar o Oceano Atlântico sozinho num barco a remo (1985)

"Eu sou f..."

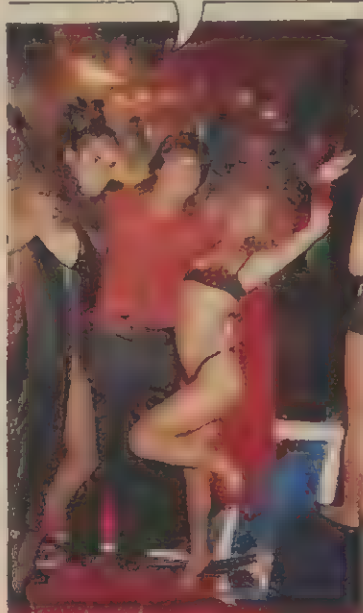


Neto, ao marcar um gol pelo Guarani no primeiro jogo final do Campeonato Paulista (1988)

"Eu é que sou f..."

Jair Pereira, técnico campeão do Corinthians em 1988

"Quando tem agito aqui em casa, até o Cristo Redentor tapa os olhos"



Renato Gaúcho, do Flamengo (1988)

"Não estou gordo. É que na Europa adquiri essa massa muscular"



Juary, ao chegar no Santos (1989)

"Não há contestação possível"

Emil Zatopek, fundista tcheco, campeão olímpico, ao comentar a eleição de Pelé como Atleta do Século (1981)



"Sou Fluminense desde quando era menino"

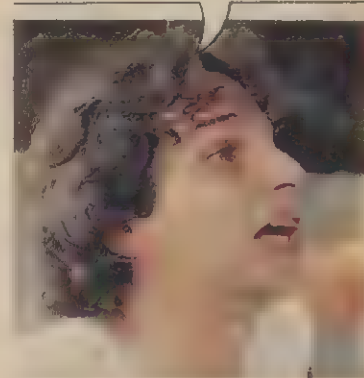


Roberta Close (1984)

## SOLTANDO O VERBO

"Há muita resistência a minha permanência no Inter porque o Rio Grande do Sul é um Estado racista" Jair, meia colorado (1980)

"Vá guiar caminhão na cordilheira, gringo navalha!"



Nelson Piquet, depois de ser abalroado pelo chileno Eliseo Salazar no GP da Alemanha (1982)

"Pelé é pé-frio. Toda vez que envia telegrama a uma equipe, esta equipe perde"



Carlos Alberto Torres, então técnico do Flamengo, ao saber que o Rei apoiara o Santos na final da Taça de Ouro. O Santos perdeu (1983)

"Adão, vai à merda" Faixa colocada no Maracanã pela torcida do Botafogo, irritada com as más atuações de Cláudio Adão (1988)

"Foi uma farsa" Juan Carlos Loustau, juiz argentino que apitou Brasil x Chile, comentando a "agressão" contra o goleiro Rojas (1989)

## PROFETAS DA BOLA

"Estamos disputando finais de copas européias há mais de dez anos."

**Por que temer o Flamengo?"**

**Bob Paisley**, técnico do Liverpool, da Inglaterra, dez dias antes de perder a final do Mundial Interclubes por 3 x 0 (1981)

"Zico talvez não se adapte ao futebol italiano"

**Pelé**, pouco antes de o Galinho ser vice-artilheiro do Campeonato Italiano jogando pela Udinese (1983)

"Tenho 95% de chances de ficar na Ponte Preta"



**Sócrates**, em agosto de 1985

"Tenho 5% de chances de ir para a Ponte"

Idem, uma semana depois

"Alemão é inegociável e ninguém quer contratá-lo"

**Aurito Ferreira**, diretor do Botafogo, uma semana antes de vender o passe do meia ao Atlético de Madrid, da Espanha (1985)



"Não me queixo, viajei o mundo inteiro pela CBF"

**Otávio Pinto Guimarães**, ao avaliar sua gestão como presidente da CBF (1988)

"Em vinte jogos, o Brasil nos vence em dezenove. Só que, naquele dia, por mais gols que fizesse."

**nós fariamos sempre mais um"**  
**Tardelli**, atacante italiano, após o Brasil 2 x Itália 3, nas quartas-de-final da Copa da Espanha (1982)

"Uma Ferrari é como uma mulher: não se deseja, compra-se"

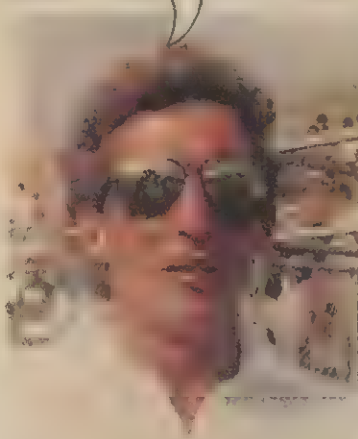
**Enzo Ferrari**, dono da equipe de Fórmula 1 e da fábrica dos mais respeitados carros esportes do mundo (1985)

"Tenho amigos de direita, de centro e de esquerda. Estou sempre com o governo. Não tenho culpa se o governo muda de lado"



**Castor de Andrade**, bicheiro e patrono do Bangu (1985)

"Jogador meu bebe, fuma, namora. É gente"



**Moisés**, na época técnico do Bangu (1985)

"O centroavante é o goleiro do avesso"



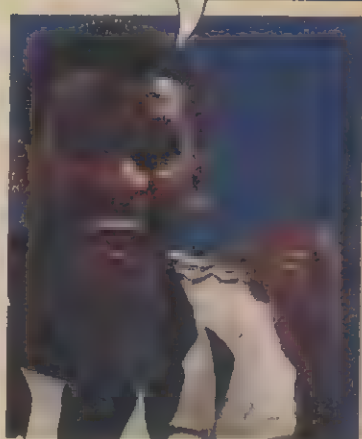
**Mirandinha**, centroavante do Palmeiras (1986)

"Sexo antes do jogo só prejudica se atrasar o início da partida"



**Bebeto**, preparador físico do São Paulo (1987)

"Quem nunca bateu numa mulher?"



**Josimar**, então lateral do Botafogo (1988)

"O Nordeste só verá um título como o do Bahia daqui a trinta anos"



**Bobô**, meia tricolor, depois de seu time conquistar a Copa União (1989)

"Se tenho de chamar a atenção, falo bem alto para o jogador ficar envergonhado mesmo"



**Leão**, técnico do Palmeiras (1989)

■ O MELHOR

## DÉCADA RUBRO-NEGRA

*Quatro títulos brasileiros, dois estaduais, campeão da Libertadores e Mundial... O Flamengo é o clube dos anos 80*

**R**aul, Leandro, Marinho, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Lico. Mal a década começava e esse time mostrava que seria difícil aparecer outro do mesmo nível. Por quê? O Flamengo ganhou todos os títulos da Terra com ele. Só isso bastaria para colocá-lo entre os melhores dos anos 80. Mas não foi tudo. A camisa rubro-negra desfilou pelos gramados do Brasil e do mundo um futebol empolgante, construindo para o clube a fase mais gloriosa de sua história.

O início aconteceu no Campeonato Brasileiro de 1980, numa final arrepiante contra o Atlético Mineiro. Armado pelo inteligente técnico Cláudio Coutinho, o time superou o Galo por 3 x 2 e quebrou o tabu do título nacional até então ausente na galeria do clube.

Os anos seguintes foram mais pródigos ainda. A lista de títulos brasileiros cresceu tanto que chegou ao hoje incomparável tetracampeonato. Na decisão de 1982, o Flamengo foi até Porto Alegre para vencer o Grêmio por 1 x 0 na própria casa do adversário. Em 1983, de volta a Maracanã, o time despachou o surpreendente Santos de Serginho por 3 x 0. A série de vitórias só seria completada em 1987. Mas valeu a pena esperar. Ao vencer o Internacional por 1 x 0, o Flamengo conquistou a I Copa União numa jornada memorável de Bebeto, Renato Gaúcho e, claro, Zico.

Nada se assemelha, porém, ao ano de 1981. Foi um verdadeiro porre de títulos que começou no Campeonato Carioca, passou pela Taça Libertadores e, glória maior, terminou no Mundial Interclubes (veja na página 20). Junte-se a isso tudo o Estadual de 1986 e responda rápido: quem foi melhor, nos anos 80, que o Mengão? □

RODO, PHO MACHADO



### 1980

Até aquele ano, ser campeão brasileiro era algo inédito para o Flamengo. A escrita calu numa emocionante final contra o Atlético Mineiro. Era só o começo...

### 1982

Com o status de campeão da Taça Libertadores e ainda do Mundial Interclubes, o Flamengo foi a Porto Alegre e "roubou" o título brasileiro na casa do Grêmio

FERNANDO PIMENTEL



15 - ZALUO



**1983**

Foi a vez de o Santos sentir a força do Flamengo numa final de Brasileiro. O time de Serginho levou de 3 x 0 dentro do Maracanã, e os cariocas pareciam insuperáveis

**1987**

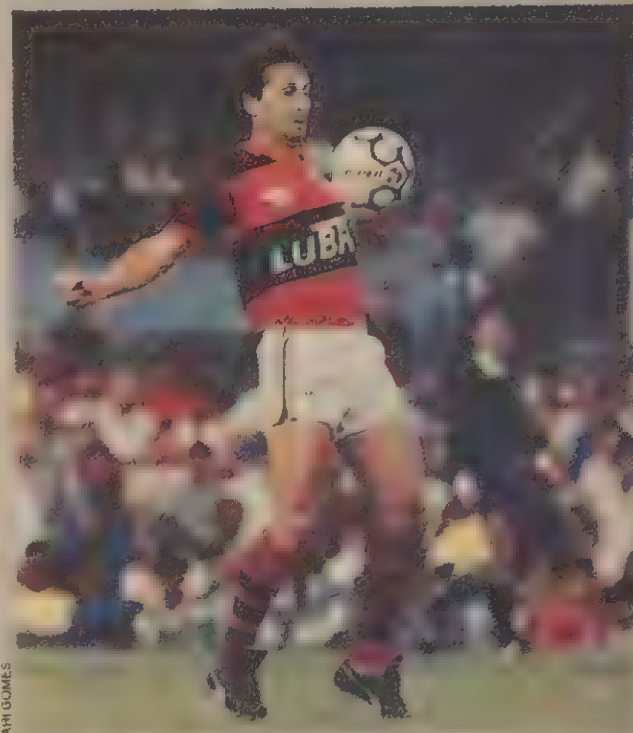
Os flamenguistas tiveram de esperar quatro anos até comemorar outro título nacional. Mas valeu a pena. O clube chegava ao incomparável tetracampeonato



MARCO A. CAVALCANT

ZICO

## O MAIOR DE TODOS



ARI GOMES

Gênio dentro de campo, conduta irretocável fora, Zico consolidou nos anos 80 a condição de maior jogador da história do Flamengo. Com todos os méritos, pois contribuiu decisivamente para que o clube conquistasse todos os títulos possíveis no mundo, sendo seu principal líder e artilheiro.

Não é difícil mostrar a importância de Zico. O Flamengo só conquistou títulos importantes com sua ajuda nesses dez anos. Quando ele se transferiu para a Udinese, na Itália, em meados de 1983, o clube — que ganhara três campeonatos brasileiros, um carioca, a Libertadores e o Mundial — de repente empacou. Zico voltou em 1985 e as voltas olímpicas começaram.

Mas a década não trouxe apenas alegrias para o rubro-negro Zico. Caçado pelos adversários em campo, ele foi protagonista de um longo dra-

**Juiz de Fora, 3/12/89:**  
contra o Fluminense, o último jogo oficial

ma. As três operações no joelho esquerdo transformaram esses últimos anos em uma verdadeira via crucis de lentas recuperações e recaídas frustrantes. Tempos que os críticos adoravam chamá-lo de acabado e decadente. Fora da Gávea, ele lamenta a perda de dois títulos mundiais pela Seleção e, principalmente, o pênalti desperdiçado contra a França nas quartas-de-final da Copa do México em 1986.

Mas nada disso apagou a imagem de maior craque brasileiro desta década. Não foi à toa que 13 000 pessoas gritaram seu nome dia 2 de dezembro de 1989, no pequeno, mas lotado, estádio de Juiz de Fora, num Fla-Flu que marcava sua despedida em jogos oficiais. Zico merece isso e muito mais.

# os anos **80**

■ O ÊXODO DOS CRAQUES

## O QUE IMPORTA É EXPORTAR

*Nunca tantos jogadores deixaram o país  
atrás de fama e dinheiro nos clubes do exterior*



GUERIN SPORT V.P.

PASTORE REPORTPRESS

GLER INSPORTIVO

### FALCÃO

Com seu futebol elegante, ele conquistou o mundo, foi coroado como "o Rei de Roma" e se transformou no exemplo invejado por todos os outros jogadores brasileiros



### CARECA

O ex-centroavante do São Paulo faz parte da mais recente leva que invadiu a Itália, o grande eldorado dos nossos craques nessa década



### SÓCRATES

O meia trocou o Corinthians pela Fiorentina, da Itália, mas logo descobriu que a Europa não era tão boa assim

**D**urante décadas, atuar em um clube estrangeiro e ser muito bem pago parecia privilégio de ídolos consagrados como Jairzinho, Paulo César Caju e Luís Pereira. Essa situação durou até o belo dia que os dirigentes europeus descobriram uma grande — e econômica — fonte de craques abaixo da linha do equador. Era o início da década do êxodo.

Diante da injusta competição entre o dólar e os sempre desvalorizados cruzeiro, cruzado e cruzado novo, logo uma frase se tornou a mais ouvida no vocabulário do futebol: "Quero fazer minha independência financeira na Europa". Ela também trazia consigo o desejo secreto de repetir a trajetória de Falcão, o meia do Internacional que, em 1983, levou a Roma ao título italiano depois de um jejum de 41 anos e se transformou em um dos mais invejados e ricos astros do mundo.

A Itália, por sinal, foi o grande eldorado da década. Ao lado de dezenas de estrelas de outros países, nossos craques formaram uma extensa lista de *brasileiros* que vai de Zico, na Udinese, a, mais recentemente, Careca, no Napoli, e Geovani, no Bologna (veja quadro ao lado). Mas, se a passagem para o exterior representava um bom pé-de-meia, o sucesso não era garantido. Foi a dura constatação de Sócrates, Renato e Pita, entre outros, que retornaram ao Brasil debaixo de críticas e querendo distância do ex-clube.

Os campos italianos, porém, não eram o único destino desses brasileiros. Intermediados por uma legião de empresários, na qual se destacou o uruguaio Juan Figer, eles também foram aportar na França, Espanha, Suíça, Alemanha, México e Japão. Mas nenhum país mostrou o apetite de Portugal. Nos últimos anos, uma verdadeira avalanche cobriu a terrinha, o que foi facilitado pela dupla nacionalidade. Foram tantos — e muitos tão ruins — que a Federação local decidiu restringir o número de estrangeiros. Só que por aqui ninguém parece muito preocupado. Enquanto nossos clubes não conseguirem dinheiro suficiente para segurar suas estrelas, sempre será fácil tirar os melhores valores do país. □

## AS PRINCIPAIS TRANSFERÊNCIAS

JOGADOR	POSIÇÃO	CLUBE DE ORIGEM	CLUBE COMPRADOR	VALOR(*)
<b>1980</b>				
Eneas	Atacante	Portuguesa	Bologna (Itália)	1 milhão
Falcão	Meio-campo	Inter-RS	Roma (Itália)	2,9 milhões
Juary	Atacante	Santos	América (México)	240 000
<b>1981</b>				
C. A. Pintinho	Meio-campo	Vasco	Sevilla (Espanha)	350 000
Júlio César	Atacante	Flamengo	Talleres (Argentina)	300 000
Guma	Meio-campo	Vasco	Murcia (Espanha)	500 000
<b>1982</b>				
Edinho	Zagueiro	Fluminense	Udinese (Itália)	500 000
<b>1983</b>				
Zico	Meio-campo	Flamengo	Udinese (Itália)	4 milhões
Elói	Meio-campo	Vasco	Genoa (Itália)	1 milhão
Toninho Cerezo	Meio-campo	Atlético-MG	Roma (Itália)	4 milhões
Batista	Meio-campo	Inter-RS	Lazio (Itália)	1 milhão
Luvonor	Meio-campo	Goiás	Catania (Itália)	1 milhão
Pedrinho	Zagueiro	Vasco	Catania (Itália)	1,2 milhão
<b>1984</b>				
Sócrates	Meio-campo	Corinthians	Fiorentina (Itália)	2,7 milhões
Júnior	Zagueiro	Flamengo	Torino (Itália)	1,3 milhão
<b>1985</b>				
Baltazar	Atacante	Botafogo	Vigo (Espanha)	100 000
<b>1986</b>				
Júlio César	Zagueiro	Guarani	Brest (França)	800 000
Branco	Zagueiro	Fluminense	Brescia (Itália)	525 000
Casagrande	Atacante	Corinthians	Porto (Portugal)	1 milhão
<b>1987</b>				
Alenão	Meio-campo	Botafogo	Atl. Madrid (Espanha)	700 000
Elzo	Meio-campo	Atlético-MG	Benfica (Portugal)	700 000
Careca	Atacante	São Paulo	Napoli (Itália)	3,1 milhões
Mozzer	Zagueiro	Flamengo	Benfica (Portugal)	433 000
Dunga	Meio-campo	Vasco	Pisa (Itália)	Não revelado
Mirandinha	Atacante	Palmeiras	Newcastle (Inglaterra)	1 milhão
Oscar	Zagueiro	São Paulo	Nissan (Japão)	300 000
Tita	Meio-campo	Vasco	Bayer L. (Al. Oc.)	400 000
<b>1988</b>				
Pita	Meio-campo	São Paulo	Racing (França)	1 milhão
Muller	Atacante	São Paulo	Torino (Itália)	3 milhões
Silas	Atacante	São Paulo	Sporting (Portugal)	3 milhões
Carlos	Goleiro	Corinthians	Malatyaspor (Turquia)	600 000
Edmar	Atacante	Corinthians	Pescara (Itália)	1,4 milhão
Andrade	Meio-campo	Flamengo	Roma (Itália)	1,3 milhão
Renato	Atacante	Flamengo	Roma (Itália)	2,7 milhões
Ricardo	Zagueiro	Fluminense	Benfica (Portugal)	600 000
Aloisio	Zagueiro	Inter-RS	Barcelona (Espanha)	1,7 milhão
Lima	Atacante	Grêmio	Benfica (Portugal)	1,5 milhão
Edu	Meio-campo	Portuguesa	Torino (Itália)	750 000
Everton	Meio-campo	Corinthians	Porto (Portugal)	300 000
Milton	Meio-campo	Coritiba	Como (Itália)	300 000
Romario	Atacante	Vasco	PSV (Holanda)	6 milhões
<b>1989</b>				
Geovani	Meio-campo	Vasco	Bologna (Itália)	3 milhões
Jorginho	Zagueiro	Flamengo	Bayer L. (Al. Oc.)	1,76 milhão
Edu	Meio-campo	Palmeiras	América (México)	1 milhão
João Paulo	Atacante	Guarani	Bari (Itália)	800 000
Gerson Caçapa	Meio-campo	Palmeiras	Bari (Itália)	350 000
Nilson	Atacante	Inter-RS	Celta (Espanha)	Não revelado
Maurício	Atacante	Botafogo	Celta (Espanha)	500 000

\* Para facilitar a comparação, todos os valores foram convertidos em dólares.

PROFISSIONALIZAÇÃO

## CLUBES DÃO UM PASSO À FRENTE

*Apesar de fracassos clamorosos, o futebol brasileiro caminha, enfim, para a modernização*

Em julho de 1987, o presidente da CBF, Otávio Pinto Guimarães, declarou que a entidade não tinha dinheiro para organizar o Campeonato Brasileiro. Parecia o fim do poço em meio a tantos desmandos e incompetência. Foi então que os dirigentes dos maiores clubes do país decidiram se unir para reerguer o futebol. Nascia o Clube dos 13 e, com ele, a primeira Copa União. Organizado dentro de um audacioso projeto de marketing, o novo torneio conseguiu arrecadar cerca de 6,5 milhões de dólares em contratos de publicidade, televisionamento, entre outros. Melhor ainda. A Copa União teve grandes jogos, criou ídolos e encheu estádios. Parecia o fim do pesadelo.

Foi então que os dirigentes dos maiores clubes do país decidiram atrapalhar tudo. Brigas por interesses pessoais esvaziaram o Clube dos 13 até transformá-lo numa instituição decorativa. Ao mesmo tempo, os cartolas não eram capazes de administrar as rendas extras da I Copa União e, em busca de lucro fácil, só encontravam uma solução: vender os craques do time para o exterior.

Diante das fracas rendas e péssimas exhibições do último Campeonato Brasileiro, o crítico mais ferino dirá que a prometida "redenção do futebol" foi um malogro. É um exagero. A falecida Copa União e o hoje impotente Clube dos 13 fazem parte de um movimento mais amplo dentro dos anos 80. Época que o futebol tentou sair da Idade Média para a Era do Profissionalismo. Uma década de transição com derrotas clamorosas e poucas, mas importantes, vitórias.

Afinal, os últimos dez anos viram preconceitos caírem quando a propaganda nas camisas trouxe uma nova renda para os clubes. No princípio, em 1982, apenas o Internacional ousava estampar o nome de uma empresa no até então imaculado uniforme. Hoje, os pioneiros gaúchos são imitados por todos.

Da mesma forma, o exemplo de boa administração de clubes como São Paulo vai se espalhando pelo país. Falta muito ainda, é verdade. Mas falta menos que no início da década.



Depois de um início tímido, com contratos para uma partida, o Internacional assumiu a publicidade nas camisas e logo foi imitado por todos



FLAVIO RODRIGUES



FOTO: C. SO

Na decisão do título paulista de 1983, os jogadores do Corinthians entram com uma faixa no gramado: defesa da liberdade e fim do autoritarismo

DEMOCRACIA CORINTIANA

## REVOLUÇÃO NO CAMPO

"Ganhar ou perder, mas sempre com democracia." Assim era a faixa que o Corinthians levou para dentro de campo, no Morumbi, dia 14 de dezembro de 1983. Uma frase perfeita para expressar o ambiente que o time vivia justamente quando disputaria o bicampeonato paulista contra o São Paulo. O pensamento expressava o desejo de muitos e era uma resposta aos impiedosos críticos que confundiam o novo esquema de trabalho com indisciplina e presunção.

O empate de 1 x 1 com o tricolor garantiu o título. Mais ainda: marcou a vitória de uma revolução no relacionamento entre o jogador e o clube. "Sempre imperou o paternalismo", per-

cebia o meia Sócrates, um dos principais entusiastas do movimento desde sua formação, em 1982. Naquele ano, com Waldemar Pires na presidência e Adilson Monteiro Alves como diretor, o Corinthians muda a estrutura arcaica de seu futebol.

A idéia básica era de cooperação entre os jogadores, com a divisão de responsabilidades acabando, por exemplo, com a monotonia das concentrações para os casados e permitindo que todos se manifestassem. A iniciativa, apesar de muitas pressões, teve êxito até 1985, quando o poder mudou de mãos no clube e o esquema antigo retornou. Terminava um importante capítulo da história alvinegra.



Os grandes clubes se revoltam contra a incompetência da CBF e, em 1987, numa reunião histórica (ao lado) fundam o Clube dos 13

■ FLAMENGO CAMPEÃO DO MUNDO DE 1981

## O NOVO SENHOR DO FUTEBOL

*Sob o comando de Zico, o time derrota o Liverpool e reina, em 1981, como o melhor da Terra*

**E**m 1981, o Flamengo já havia conquistado a Taça Guanabara, o Campeonato Carioca e a Taça Libertadores da América. Aplicara uma goleada histórica de 6 x 0 no Botafogo e chegava ao fim da temporada com uma performance invejável. Dos títulos disputados,

só não levou o Brasileiro. Tudo isso, no entanto, ficaria em segundo plano no dia 13 de dezembro. O jogo com os ingleses do Liverpool, em Tóquio, capital do Japão, era simplesmente o momento mais importante da história do clube. Era a final do Mundial Interclubes, o mo-

mento tão esperado pelo Flamengo para provar que era o melhor time da Terra.

Preocupado, mas confiante, o capitão Zico alertava os companheiros antes da partida: "Hoje, temos de dar uma prova de dedicação. Ninguém tentará mostrar que sabe mais que o companheiro. Temos de ser Flamengo como nunca". Os conselhos do Galinho eram oportunos para quem, dali a instantes, iria enfrentar estrelas como Souners e Dalglish. Era jogo mais que duro.

Mas não foi. O Flamengo entrou em campo tão inspirado e à vontade que as jogadas saíram perfeitas como em um bom treino. Aos 35 minutos do primeiro tempo, o temível Liverpool já perdia por 2 x 0, gols de Nunes e Adílio, ambos com participação de Zico. O terceiro não demorou. Zico, sempre ele, lançou na medida para Nunes fazer o terceiro e matar de vez os ingleses

No segundo tempo, os brasileiros apenas tocaram a bola esperando que o Liverpool partisse em desespero. Mas não houve reação. Fim de partida. 3 x 0. Flamengo campeão e o técnico derrotado Bob Paisley reconhece a superioridade rival. "Vocês jogam de uma maneira que desconhecemos", espantou-se. "Vocês dançam."

A frase mais lúcida sobre o feito de Tóquio, entretanto, veio de Zico. "Nosso time conseguiu um estágio que só o Santos de Pelé atingiu", dizia sem que ninguém o contestasse. Os fatos — e o mundo maravilhado — estavam a seu lado. □

**O centroavante Nunes marca o primeiro gol na decisão: até mesmo os adversários ficaram maravilhados com o Mengo**





■ GRÊMIO CAMPEÃO DO MUNDO DE 1983

# UMA EMOÇÃO INFINITA

*Foi mais que indescritível o delírio dos tricolores ao pintarem a Terra de azul*

**Q**uando alcança a glória suprema, um clube cria para si alguns problemas agradáveis. Veja-se, a propósito do título mundial do Grêmio em 1983 — 2 x 1 sobre o alemão Hamburgo, em Tóquio —, o que escreveu o cronista colorado Luís Fernando

Veríssimo: "Quando o Internacional foi campeão brasileiro pela primeira vez, não nos parecia adequado comemorar a realização de um sonho impossível com as mesmas palavras e gestos com que se comemoram as vitórias razoáveis. Era preciso outro vocabulário, uma

maneira ainda não inventada de ser feliz. Imagino que meus amigos gremistas estejam hoje com o mesmo problema".

Não era uma alegria indescritível, era uma alegria inexpressável. No limite de seu delírio, por exemplo, o comentarista Paulo Sant'Ana, da Rádio Gaúcha, só conseguia aconselhar: "Façam amor, casais gremistas, produzam novos tricolores até superpovoar a Terra".

O êxtase, o momento que se exclamou, como Gagárin, que a Terra era azul, veio num momento redondo da história do Grêmio — aos oitenta anos. E como o time se preparou para aquele 11 de dezembro! Desde 28 de julho, quando conquistaram a Libertadores, os gremistas não agiram em função de outra coisa. O Campeonato Gaúcho foi jogado às favas. E, entre uma partida e outra, longas concentrações e treinamentos intermináveis.

O ponta Renato marca o segundo gol sobre os alemães do Hamburgo: os japoneses pareciam suecos vendo Garrincha em 1958

Mas como valeu a pena! Tanto o primeiro gol de Renato, aos 38 do primeiro tempo, quando entortou a defesa alemã, como no segundo, aos 3 da prorrogação, os torcedores gaúchos e japoneses mais pareciam suecos vendo Garrincha na Copa de 1958. Enfim, nada poderia ser maior que o título de campeão mundial. Não mesmo? Eis o outro problema. Ao atingirem o máximo nessa espécie de alegrômetro, os gremistas só pensam em atingi-lo novamente. Uma obsessão que leva o clube a entrar nos anos 90 de olho na Libertadores — que volta a disputar em março — e em Tóquio. Infinita obsessão.

■ CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1986

## UMA BATALHA INESQUECÍVEL

*Com domínio da bola e da emoção, o São Paulo derruba o bravo Bugre nos pênaltis*

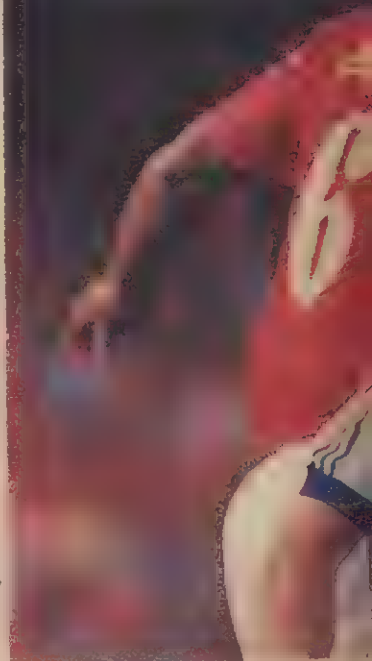
**D**e todas as finais de campeonatos brasileiros, disputadas desde 1971, nenhuma provocou tanta emoção como a de 1986. De um lado, o São Paulo comandado pela genialidade de Careca. Do outro, o Guarani do aguerrido atacante Evair. Não era apenas uma partida decisiva — tratava-se de

uma batalha disfarçada em jogo de futebol, que agitou a noite de 25 de fevereiro de 1987, quando as equipes decidiram a taça no Brinco de Ouro, em Campinas.

O tricolor, treinado por Pepe, começou nervoso e, logo a 1 minuto, o lateral Nelsinho fez contra. O empate veio 8 minutos depois, com

Bernardo. O resultado persistiu até o final, prometendo uma prorrogação emocionante. Pita, também a 1 minuto, pareceu dar o título ao São Paulo. O Guarani, porém, provou que não estava morto e reagiu. Boiadeiro empatou e João Paulo virou: 3 x 2. A partida já invadia a madrugada e o Brinco festejava o título. A 1 minuto, porém, o zagueiro tricolor Wágner, que havia falhado no terceiro gol alviverde, recebeu a ordem de Gilmar: "Chuta pro Careca!" Era o toque de gênio que faltava — a bola caiu justamente no pé esquerdo do artilheiro, que empatou.

Depois de o mesmo Careca e de Boiadeiro errarem suas cobranças de pênaltis, coube a Wágner a missão decisiva. O zagueiro chutou fraco, a bola percorreu 11 m de angústia e foi repousar, mansinha, no gol: 4 x 3. O São Paulo conquistava seu segundo Campeonato Brasileiro e a madrugada amanhecia em vermelho, preto e branco. □



Sob o comando e a inspiração de Bobô, o Bahia surpreendeu o Internacional de Norberto e, em pleno Beira-Rio, arrematou o título da Copa União de 1988



O São Paulo de Silas não conseguiu vencer o Guarani no tempo normal e na prorrogação, mas contou com muita inspiração nos penais para se sagrar campeão



ORLANDO KISSNER

■ COPA UNIÃO DE 1988

# FESTA BAIANA, FESTA DO POVO

Com futebol alegre, o Bahia reconquista um título brasileiro depois de 29 anos

**A** pedidos, a Prefeitura de Salvador preferiu passar por cima da Quarta-Feira de Cinzas e, em 1989, estendeu o Carnaval até o fim de semana seguinte. Mas, nesse ano, a festa poderia durar ainda mais. Afinal, não é sempre que o Bahia conquista o título brasileiro. Uma glória inesquecível que pode ser resumida nos jogos finais contra o Internacional.

No primeiro, em sua casa, a Fonte Nova, dia 15 de fevereiro, o Bahia mostrou a principal qualidade do time: futebol moderno, de rápidos toques de bola e objetividade no ataque. Foi assim que, de virada, venceu por 2 x 1, sob o comando de Bobô. Refinado mas aguerrido, Raimundo No-

nato Tavares da Silva foi quem apresentou a outra arma do time, no jogo de volta, em Porto Alegre: personalidade.

O Bahia ignorou as pressões da torcida e, para espanto geral, buscou a vitória na casa do adversário, dia 19 de fevereiro. Em campo, o tricolor tinha o objetivo claro de repetir a conquista de 1959, quando pela primeira e, até então, única vez o Bahia conquistou um campeonato nacional, a Taça Brasil. E, para repetir a dose, raça e determinação eram imprescindíveis. Não deu outra: Inter 0 x Bahia 0. O ponto necessário para o título. O título necessário para o Carnaval na Bahia não terminar tão cedo. □

TAÇA DE OURO DE 1985

## FINAL SÓ PARA ZEBRÕES

Na final da Taça de Ouro de 1985, tudo parecia em ordem naquele dia 31 de julho. Animados, 91 527 torcedores enchiam o Maracanã e, sem grandes atrasos, a decisão começou logo. Mas, no lugar dos tradicionais favoritos ao título, estavam Bangu e Coritiba, times com glórias menos pomposas.

A dupla finalista, porém, refletia a bagunça do futebol brasileiro. Com 44 clubes e um labirinto de grupos e fases, o torneio só interessou aos políticos às vésperas da eleição para presidente da CBF. Indife-

rentes às críticas, Bangu e Coritiba apenas queriam correr atrás de seu primeiro título nacional.

Os paranaenses saíram na frente, mas, ainda no primeiro tempo, o Bangu empatou. Para azar do ponta Ado, do time carioca, a igualdade persistiu na prorrogação. Azar porque o destino quis que o atacante, com seu chute para fora, se transformasse no homem que perdeu o pênalti decisivo — 6 x 5 para o Coritiba, que, desgrazadamente, hoje amarga a humilhação de ter sido rebaixado para a Divisão Especial.

Depois do empate no tempo normal em 1 x 1 com o Bangu (à direita) e a vitória nos penais (6 x 5), o Coritiba festejou (abaixo) seu inédito título brasileiro



FOTOS LUIS CARLOS DAVID

■ FLUMINENSE  
TRICAMPEÃO CARIOCA

## ALEGRIA EM DOSE TRIPLA

*A força de um  
tricolor irresistível*

No dia 3 de dezembro de 1983, o Maracanã começava a registrar o início de uma nova era. No lugar do Flamengo, agora sem seu grande líder Zico, vendido para a Itália, o Rio de Janeiro testemunhava a ascensão de outro grande time. Chegara a vez de Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo e Branco; Jandir, Delei e Assis; Leomir, Washington e Paulinho. Naquele domingo, o Fluminense dava o primeiro passo numa das mais belas campanhas de sua história. Venceu o próprio Flamengo por 1 x 0 para, três dias depois, comemorar o título carioca com a vitória rubro-negra sobre o Bangu — o terceiro time da fase final.

Durante três anos, os felizes torcedores do Fluminense se divertiram com a inútil luta dos rivais para segurar essa nova versão da "Máquina Tricolor dos anos 70". Afinal, quem poderia deter a raça e a dedicação de Leomir e Jandir? Tão difícil quanto impedir os cruzamentos precisos de Paulinho, os dribles do paraguaio Romerito, que se juntou mais tarde ao grupo, ou lançamentos precisos de mestre Delei.

Mas aquele Fluminense tinha muito mais. Tinha Assis e Washington, o Casal 20, uma dupla que parecia crescer nas decisões. Foi assim nos títulos cariocas de 1983 e 1984, quando se encarregaram de destruir o Flamengo.

Esse conjunto de Paulo Victor a Paulinho, porém, nunca foi tão perfeito quanto na noite de 18 de dezembro de 1985. Numa virada dramática e espetacular, o Fluminense derrotou o Bangu por 2 x 1. Era a vitória do tri! Tricolor! □



RICARDO BELIEL

O goleiro Paulo Victor festeja o gol do ponta Paulinho: uma vitória importante para o Fluminense, que garantiu o terceiro título carioca consecutivo.

■ CORINTHIANS  
BICAMPEÃO PAULISTA

## VITÓRIAS, TALENTO E DEMOCRACIA

*A receita ideal para  
uma grande conquista*

O marcador eletrônico do Morumbi apontava 45 minutos do segundo tempo quando Sócrates recebeu um magnífico passe de calcanhar de Zenon e fulminou para a meta são-paulina, fazendo 1 x 0 e consolidando o bicampeonato para o Corinthians. O gol enlouqueceu o estádio naquela noite de 14 de dezembro de 1983, que nem viu o empate do São Paulo, minutos depois, já nos descontos. Mais que voltar a conquistar um bicampeonato paulista depois de 31





■ **VASCO**  
BICAMPEÃO CARIOCA

## O TÍTULO MAIS DOCE DO RIO

*A doce festa de  
um time quase perfeito*

Aquele 22 de junho de 1988 ficou para sempre na história do Vasco. Foi de uma maneira doce e toda especial que o Rio de Janeiro viu o time derrotar o arqui-rival Flamengo por 1 x 0 e assegurar o terceiro bicampeonato estadual do clube — os outros aconteceram em 1923 e 1924, e 1949 e 1950.

Foi também o mais doce dia na vida do lateral Cocada. De simples reserva, ele virou herói ao marcar o gol que assegurou o título apenas 3 minutos depois de ter entrado no lugar do ponta Vivinho. Aos 44 minutos do segundo tempo, Cocada avançou pela direita, cortou o zagueiro Edinho e fulminou de pé esquerdo no ângulo, sem chance para o goleiro Zé Carlos.

Um ensurdecedor coro de "bicampeão" tomou conta do Maracanã. Com toda a justiça. Afinal, o Vasco repetira, em 1988, a bela campanha do ano anterior. Em 1987, o talento e a raça de Dunga e Tita, autor do gol decisivo contra o mesmo Flamengo, fizeram do time de São Januário uma máquina que passava por cima dos rivais. No campeonato seguinte, eles não estavam lá. Mas não faltaram estrelas para substituí-los. Era a vez de os baixinhos Romário e Geovani brilharem. O primeiro, um artilheiro nato, fez 32 dos 104 gols marcados pelo Vasco nos dois anos. O segundo assumiu com maestria o comando do time no lugar do ídolo Roberto Dinamite, que passou boa parte da temporada machucado. O bi de 1987 e 1988, no entanto, foi a consagração do técnico Sebastião Lazaroni, que, dali, abriu o caminho para chegar à Seleção Brasileira.

anos, o Corinthians festejava a vitória da abertura e do diálogo.

Afinal, em 1982, sob a liberdade da Democracia Corinthiana, os jogadores se convenceram de que podiam pensar por si mesmos. Assim, capitaneado pelo meia Sócrates, o time realizou a melhor campanha do Campeonato Paulista — em quarenta jogos, foram 26 vitórias, oito empates e apenas seis derrotas. Revelou também o artilheiro Casagrande, que marcou 28 gols — o último selou a vitória alvinegra de 3 x 1 na final, também contra o São Paulo, dia 12 de dezembro. Mas, acima da conquista, os corinthianos vibravam com a consolidação de uma nova mentalidade administrativa.

Foi com essa tranquilidade, aliás, que o clube repetiu a dose no ano seguinte — em sua caminhada rumo ao bi, o Corinthians fez 48 jogos, ganhando 24, empatando dezessete e perdendo apenas sete. Um retrospecto marcado principalmente pela inteligência de Sócrates, a raça de Biro-Biro, a força de Casagrande, a experiência de Wladimir e o humor de Juninho, que, depois da vitória, brincou: "O estádio agora vai se chamar só Morum, porque bi somos nós". □

Sócrates (centro),  
um dos líderes da  
Democracia Corinthiana,  
comanda a festa  
pela conquista que os  
alvinegros não vão  
perder há exatos 31 anos.



PEDROMARINELLI

## ■ COPA DE 1982

### A VIRADA DE UM TIME FERIDO

*A Azzurra cala a boca dos paparazzi*

Nos dois anos que antecederam a Copa da Espanha, em 1982, havia uma espécie de unanimidade entre os torcedores italianos. Diante de forças como Argentina, Alemanha Ocidental e, principalmente, Brasil, a Squadra Azzurra era uma séria candidata ao vexame, algo parecido com o que aconteceu em 1974. As primeiras partidas do Mundial reforçaram essa crença. Na fase classificatória, foram três frustrantes empates com Polônia, Peru e Camarões, e uma grande briga entre o time e a imprensa, que provocou o boicote dos jogadores contra os *paparazzi*. A guerra estava declarada.

Mudos, e acima de tudo unidos, os italianos empreenderam a reviravolta mais comentada da Copa. Venceram os temidos argentinos por 2 x 1 na segunda fase e, logo depois, no dia 5 de julho, derrotaram o Brasil por 3 x 2, no mais emocionante e dramático jogo do Mundial. Para os brasileiros, a desclassificação ficou conhecida como a tragédia de Sarriá — estádio em Barcelona onde aconteceu a façanha italiana. Foram três gols de Paolo Rossi que despacharam a Seleção de Zico, Sócrates, Falcão e fizeram do atacante o eterno carrasco do país do futebol.

Dois favoritos, Brasil e Argentina, já haviam ficado no meio do caminho. Passar pela Polônia, nas semifinais, não foi complicado e, de novo, Paolo Rossi deixou sua marca ao assinalar dois gols. Falta derrubar a terceira força da Copa: a Alemanha Ocidental, na decisão do título. Para os mais otimistas, tudo estava sob controle porque os tedescos eram consi-



derados fregueses de caderneta. A Itália não decepcionou. Com gols de Paolo Rossi — o sexto, que lhe garantiu a artilharia do torneio —, Tardelli e Altobelli para a Azzurra e Breitner do lado alemão, a taça possuía um novo dono. E, como o Brasil, os italianos entraram para a galeria dos tricampeões mundiais.

**O veterano goleiro Zoff, capitão de um time desacreditado: a Itália supera as críticas e fatura o tricampeonato**

## ■ COPA DE 1986

### O ESPÍRITO DE MANÉ EM MARADONA

*O gênio conduz a Argentina ao título*

Desde 1962, no Chile, quando Mané Garrincha entortou uma série infundável de "joões", como eram conhecidos seus marcadores, até chegar ao título, o mundo não via um único jogador ser tão fundamental para a conquista de uma Copa. Sim, a Argentina de 1986 tinha a inteligência do atacante Valdano, a segurança do volante Batista, a raça do líbero Brown e, no banco, a astúcia do técnico Carlos Bilardo. Mas tudo, incluindo qualquer adversário, perdeu seu brilho diante da genialidade de Diego Armando Maradona.

Em apenas sete partidas o pequeno argentino chegou ao indiscutível posto de melhor jogador do mundo. Reinado que começou no dia 2 de junho na vitória contra a violenta Coreia do Sul e atingiu o auge quase um mês depois, dia 29, nos 3 x 2 contra a Alemanha Ocidental, na sofrida final da Copa do México.

Entre uma data e outra, Maradona produziu algumas das mais belas e inesquecíveis cenas do Mundial — e da própria história do futebol. A Inglaterra seria a infeliz espectadora em duas delas. Na primeira, o cruzamento muito alto para seu 1,68 m virou um belo gol graças a um leve e irregular toque na bola. "Foi um gol com a minha cabeça e a mão de Deus", disse depois. Aos atônitos súditos da rainha, no entanto, Maradona reservara ainda o mais majestoso lance do torneio. De repente, aos 10 minutos do segundo tempo, ele começou uma longa carreira que deixou para trás cinco ingleses, o goleiro Shilton e só terminou no gol. Um lance devidamente



homenageado com uma placa no Estádio Azteca.

Esses dois momentos deixariam qualquer mortal, por pior que fosse seu time, na memória de todos. Mas para Maradona, que na Copa anterior não passara de uma decepção, faltava algo. A vitória contra os alemães completou a festa

**Maradona ergue a taça: o autor de belas e inesquecíveis cenas da história do futebol se consagra como o melhor do mundo**

AMARELINHA PASSA EM BRANCO

## SONHO DO TETRA ADIADO



Paolo Rossi faz três gols contra o Brasil em 1982 (acima) e Zico perde um penalti contra a França em 1986: a arte dos canarinhos naufraga nas duas Copas da década



GAMMA SIGLA

Em campo, os craques Oscar, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Zico e Éder atemorizavam os adversários. No banco, o conceituado técnico Telê Santana orientava essa legião de feras. O prestígio da Seleção Brasileira era tão incontestável que a delegação desembarcou na Espanha, em 1982, disparada na bolsa de apostas para faturar sua quarta Copa do Mundo. Tudo levava a crer que as previsões se confirmariam. Como num efeito dominó, os canarinhos foram derrubando um a um seus inimigos: União Soviética, Escócia, Nova Zelândia e Argentina.

Mas tinha uma pedra no meio do caminho. O Brasil enfrentaria a Itália e um simples empate o conduziria às semifinais. O Estádio de Sarriá, porém, reservava a mais amarga recordação aos torcedores brasileiros dos últimos tempos. O verdugo Paolo Rossi marcou três

gols, a Itália venceu por 3 x 2 e toda a crítica mundial chorou a desclassificação de um time que encantava com toque de bola de retinada técnica.

Aquela geração de craques envelheceu quatro anos, mas Telê Santana julgava que a experiência adquirida no desastre de Sarriá acabaria sendo proveitosa. No México, em 1986, ele procurou mesclar a juventude de Júlio César, Branco, Müller e Silas com a maturidade de Júnior, Zico, Sócrates e Falcão. O plano surtiu efeito, até a chegada da partida com a França, que valeria a vaga às semifinais. O marcador apontava 1 x 1 e a classificação estava nos pés de Zico. Mas o Galinho desperdiçou um penalti e o Brasil viu desabar sobre si a chance de ganhar o tetra. Na decisão dos penaltis, a França levou a melhor e condenou o Brasil a passar a década em branco nas Copas

■ DEZ ANOS NAS SOMBRAS

## DÉCADA QUE NÃO DEIXA SAUDADE

Com a virada do calendário, alguns tratam de esquecer uma fase difícil, marcada pelo estigma da derrota



JB SCA/CO



△ **CARLOS**  
As vésperas de decidir o Campeonato Paulista de 1988, contra o Guarani, Carlos se contundiu. Quem acabou saindo na fotografia de campeão foi o então reserva Ronaldo. Na Copa de 1986, pulou no canto certo para defender um pênalti da França. Mas a bola explodiu na trave, bateu em suas costas e entrou. Por essas e outras, o Brasil foi eliminado. Cenas que comprovam que a sorte nunca foi companheira do goleirão



SEBASTIÃO REZOVSKI

### △ ALEMANHA

A Alemanha foi o país que mais decidiu Copas do Mundo, mas também o que mais perdeu. Só nessa década, caiu diante da Itália, em 1982, e da Argentina, quatro anos depois. Nas finais da Copa Européia, em sua própria casa, em 1988, foi eliminada e não justificou seu favoritismo

### ◁ JORGINHO

Sem títulos no Palmeiras, ele se mudou para o Corinthians, onde a sina de pé-frio se manteve. Idem no Fluminense e no Grêmio, que já tinha abandonado quando o clube se sagrou pentacampeão gaúcho. Guarani e Santos foram as próximas paradas, razão para que não exista mais nenhuma badalação em torno de seu nome



SILVIO PORTO



PEDRO MARTINELLI

## △ TELÊ SANTANA

O título de campeão mineiro conquistado pelo Atlético no ano passado não foi o bastante para apagar a desgastada imagem de perdedor. Considerado por muitos um teimoso, ele dirigiu a Seleção em duas Copas consecutivas mas caiu em desgraça por não ganhar nenhuma delas. Para o torcedor, um fato imperdoável!

## ▷ PALMEIRAS

Pela primeira vez em sua história, o Palmeiras cruzou uma década sem conquistar um Campeonato Paulista. O clube já contabiliza treze anos sem vestir uma faixa, uma dor que aumentou ainda mais em 1986, quando decidiu contra a Inter de Limeira e, diante de sua torcida, deixou escapar a taça



SERGIO DE REZOVSKIY

## △ TANTOS

Pergunte ao torcedor do Santos a escalação de sua equipe e talvez nem ele saiba responder. Pudera: hoje, o Santos é um time desfigurado, sem estrelas, que sobrevive mais pelo passado que pelas vitórias dentro de campo. Nesta década, apenas uma vez, em 1984, o Santos foi campeão



EDUARD MARTINS

## ◁ INTERNACIONAL

Um time que observa o maior inimigo conquistar a Taça Libertadores, o Mundial Interclubes e cinco vezes o Campeonato Gaúcho não pode ser feliz. Teve de amargar ainda o bi-vice da Copa União, em 1987 e 1988, quando levou a pior contra Flamengo e Bahia — em casa! Sem contar a desclassificação da Libertadores para o Olimpia também no Beira-Rio



## △ LOTERIA ESPORTIVA

Logo que PLACAR desmascarou a máfia em 1982, a Loteria perdeu inteiramente sua credibilidade. O surgimento da Sena e da Loto contribuiu para a queda do volume de apostas — que ganhou novo alento neste ano depois que retornou com treze jogos, em vez de dezesseis, e outro nome: Loteca

■ VIOLÊNCIA

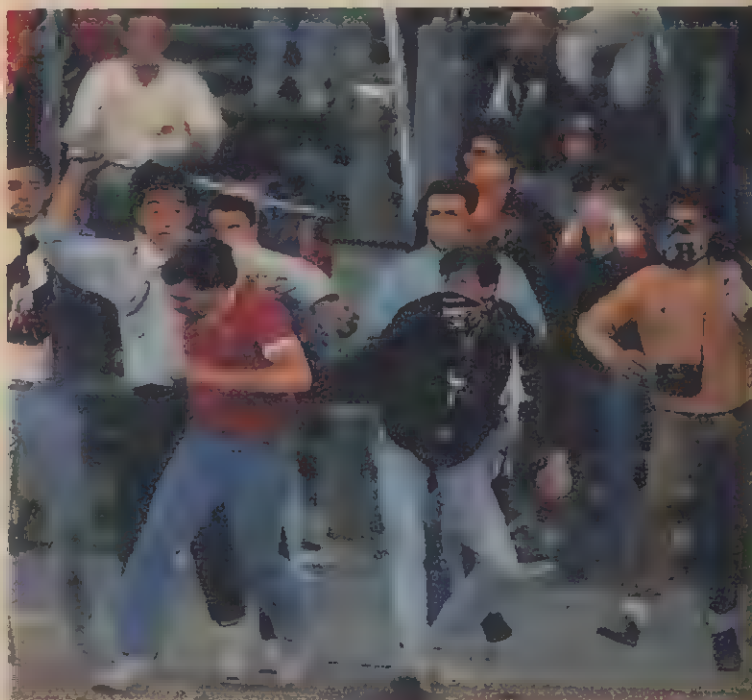
## TRAGÉDIA NAS ARQUIBANCADAS

*A selvageria dos hooligans ingleses mancha os campos de futebol com centenas de mortos*

O Estádio Heysel, na Bélgica, vai ser destruído e um outro será erguido em seu lugar. A intenção é esquecer o dia 29 de maio de 1985, quando a Juventus venceu o Liverpool por 1 x 0, na final da Copa dos Campeões. Mero detalhe, perto do que aconteceu antes do jogo. Os *hooligans* partiram com paus, garrafas e barras de ferro para cima dos italianos. O saldo foi de 39 mortos e quase quinhentos feridos. A maioria pisoteada.

Os times da ilha foram proibidos, pela FIFA, de participar de competições internacionais. Por uma ironia macabra, a suspensão terminou em abril deste ano. No mesmo mês, dia 15, mais 108 pessoas morreram e outras duzentas ficaram feridas no jogo entre Liverpool e Nottingham, em Sheffield, campo neutro. Ainda assim, 54 000 torcedores lotaram o está-

dio e milhares ficaram de fora, forçando os portões, que acabaram abertos pela polícia. Os de fora prensaram os de dentro. Tragédias que marcaram com a cor do Liverpool — vermelha — os piores momentos do futebol na década.



A desumana violência dos torcedores ingleses em Heysel (acima) e em Sheffield (ao lado): saldo de 147 mortos nos dois estádios

## VERGONHA ORGANIZADA

O Campeonato Inglês existe há mais de cem anos e, em todas as suas divisões, o rebaixamento e o sistema de pontos corridos são religiosamente respeitados. Também é um produto local a selvageria dos *hooligans*. O Brasil resolveu importar algo do futebol mais antigo do mundo e trouxe, é claro, o que tinha de pior.



A torcida palmeirense Mancha Verde em ação: a polícia luta para controlar

Os *hooligans* tropicais proliferaram dentro das torcidas organizadas. Destas, a de maior fama é a Mancha Verde, do Palmeiras. Um grupo de 6 000 pessoas cujo principal passatempo é enfrentar a polícia de outras cidades e apedrejar ônibus de linha. A Mancha, contudo, não é a única. No último Brasileiro, as torcidas de Vasco e Flamengo se envolveram num conflito que deixou dezesseis feridos. Maus torcedores, que conseguiram ser ainda piores para o futebol nacional que a cartolagem incompetente.

■ ADEUS

# AS ESTRELAS QUE PARTIRAM

*A saudade daqueles que, cada um a sua maneira, brilharam intensamente no esporte*



JOSE EUGENIO

**TIM (1916-1984)**  
A mesma inteligência dos tempos de meia no Fluminense deu ao técnico a glória de ser um dos maiores estrategistas do futebol



RICARDO BELIEL

**SANDRO MOREYRA (1918-1987)**  
Com suas divertidas histórias sobre o mundo do futebol, o jornalista era uma das figuras mais queridas da imprensa



ADEMAR VENEZIANO

**STANLEY ROUS (1895-1986)**  
Presidente da FIFA de 1961 a 1974, o dirigente inglês teve a coragem de mudar regras antigas para modernizar o futebol



GRANVA

**ENZO FERRARI (1898-1988)**  
Nas pistas de Fórmula 1 ou em carros esporte, o comendador transformou o vermelho na cor da ousadia e velocidade



RODOLPHO MACHADO

**CLÁUDIO COUTINHO (1939-1981)**  
Criticado na Copa de 1978, o técnico amou a base do grande Flamengo desta década. Morreu afogado num mergulho submarino



IGNACIO FERREIRA

**GARRINCHA (1933-1983)**  
O mais fantástico ponta da história chega a um melancólico fim. Venerado nos anos 50 e 60, faleceu praticamente esquecido



RODOLPHO MACHADO

**OTO GLÓRIA (1922-1986)**  
Técnico astuto, foi ele quem criou, entre outros grandes times, a excelente Seleção Portuguesa, terceiro lugar na Copa de 1966



SERGIO BEREZOVSKY

**CASTILHO (1927-1987)**  
Fenomenal goleiro do Fluminense de 1946 a 1965, o então treinador não suportou uma nova crise de depressão e cometeu suicídio



REP E ENCICLOPEDIA DO AUTOMOVEL

**CHICO LANDI (1907-1989)**  
Pioneiro do automobilismo brasileiro, fez de suas corridas na década de 30 o caminho pelo qual passariam Emerson e Senna



SILVIO PORTO

**OSWALDO BRANDÃO (1916-1989)**  
Campeão paulista no inesquecível título corinthiano de 1977, era o mais carismático e estimado entre todos os treinadores

■ JOGOS OLÍMPICOS

## BOICOTE, NUNCA MAIS

*Recordes caem e Seul marca o fim da guerra fria entre soviéticos e norte-americanos*



J.B. SCALCO

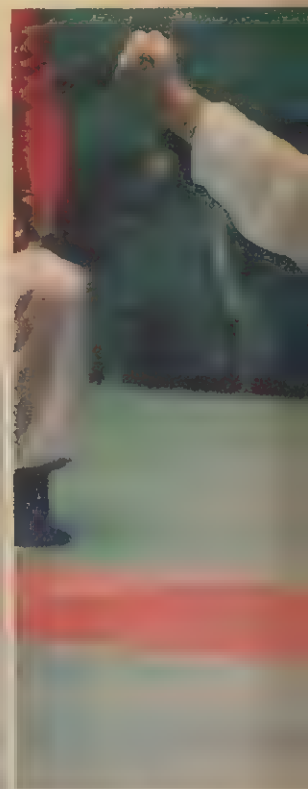
Foi a década em que os grandes astros olímpicos dividiram as luzes com os boicotes políticos e o doping. De um lado, a explosão de talentos como o do norte-americano Carl Lewis, que, em 1984, em Los Angeles, igualou o recorde do lendário Jesse Owens ao faturar quatro medalhas de ouro no atletismo. Do outro, a guerra fria que tirou os Estados Unidos da Olimpíada de Moscou, em 1980, e, quatro anos depois, afugentou a União Soviética dos jogos norte-americanos. O confronto entre as potências só foi travado em 1988, em Seul, onde, porém, ficou em segundo plano — o uso de doping pelo canadense Ben Johnson roubou todas as atenções. Aproveitando as ausências, o Brasil participou dos jogos com suas maiores delegações e, de quebra, voltou a vibrar com as medalhas de ouro.

O ensaio geral aconteceu em Moscou, quando o iatismo trouxe dois primeiros lugares que brilharam ao lado de outras duas medalhas de bronze, conquistadas no salto triplo e no revezamento 4 x 200 m masculino, nado livre.

**O ursinho Misha emocionou o mundo durante as Olimpíadas de Moscou, em 1980**

Nada menos de 42 recordes mundiais caíram em 1980, apesar da não presença de 64 países. Boicote que não conseguiu arrancar o salto em altura de 2,36 m do alemão oriental Gerd Wessing ou os, à época fantásticos, 5,78 m que o polonês Wladyslaw Kozakiewicz arrebatou no salto com vara. Apesar da ausência norte-americana — que protestava contra a invasão soviética no Afeganistão, em 1979 —, Moscou presenciou uma série incrível de façanhas esportivas e entrou para a História com seu símbolo, o ursinho Misha. O mesmo não aconteceu em Los Angeles, onde os soviéticos deram o troco, alegando falta de segurança. Afinal, nunca tanta gente viu tantos atletas em busca de seu melhor desempenho conseguirem tão poucas marcas realmente expressivas. Com exceção da natação masculina, que derrubou onze recordes mundiais,

PIERO MARTINELLI



Joaquim Cruz surpreende o mundo nos 800 em 1984, e desfila com a bandeira do Brasil. O mesmo orgulho exibido por Aurelio Miguel, em 1988, ao conquistar nossa única medalha de ouro nas Olimpíadas de Seul. Dois ídolos do esporte brasileiro





PEDRO MARTINELLI

apenas os corredores americanos do revezamento 4 x 100 m foram capazes de estabelecer novas marcas. Da pouca expressividade salvou-se o norte-americano Carl Lewis, medalha de ouro nos 100, 200, revezamento 4 x 100 m e salto em distância, um feito só alcançado na Olimpíada de Berlim, em 1936. Da brecha também se serviram os atletas brasileiros, que conseguiram o melhor desempenho já atingido pelo



PEDRO MARTINELLI

país. Capitaneada pela empolgante medalha de ouro de Joaquim Cruz nos 800 m, nossa delegação conseguiu ainda cinco medalhas de prata e duas de bronze.

Já em 1988, os ventos da política não desviaram o esporte da rota de Seul, na Coreia do Sul, onde o número recorde de 161 países proporcionou o confronto de mais de 11 000 atletas. Quinze marcas mundiais foram quebradas. Destaque para a norte-americana Florence Griffith-Joyner, a mulher mais rápida do mundo nos 100 m, e aos nadadores da Alemanha Oriental, que venceram onze provas. O Brasil marcou presença com o ouro do judoca Aurélio Miguel, além de duas medalhas de prata e três de bronze.

A Olimpíada de Seul, no entanto, será lembrada pelo maior escândalo de todos os jogos — a incrível marca de 9s79/100 nos 100 m foi conseguida pelo canadense Ben Johnson com o uso de esteróides anabolizantes.

De qualquer modo, os 24.º Jogos Olímpicos da Era Moderna serão recordados como os do fim dos boicotes políticos. Depois de doze anos, os Estados Unidos e os países do bloco socialista voltaram a se enfrentar. A União Soviética levou a melhor, mas todos saíram ganhando. □

PAN-AMERICANO DE 1987

## BASQUETE DE OURO



SERGIO BEREZOVSKY

Antes de entrar na quadra, a Seleção Brasileira de basquete masculino já perdia para a tradição — invictos no Pan há 34 jogos, os norte-americanos nunca tinham perdido uma partida oficial em seus domínios. Assim, os 16 292 espectadores que lotavam o Market Square Arena, em Indianápolis, nos Estados Unidos, não acreditavam no que exibía o marcador eletrônico, naquela tarde de 23 de agosto de 1987: o Brasil venceu os inventores do esporte por 120 x 115 e ficou com a impensável medalha de ouro.

“Foi a maior vitória de minha geração”, chorou o jogador Marcel, responsável por 25% do rendimento da equipe, com 31 pontos. De fato, seria simplesmente impossível imaginar que o quinteto brasileiro, que

**A geração vitoriosa do jogador Oscar e a grande conquista do Pan-Americano em 1987 sobre os EUA**

chegou a perder por vinte pontos e saiu com quatorze de desvantagem ao final do primeiro tempo, encontrasse forças para a reação se não contasse com a velha dupla Marcel-Oscar. Individualista, emotivo e dono de uma mão santa, Oscar (o cestinha do torçido com 246 pontos) não resistiu e antecipou sua própria entrega de medalha: roubou a rede de uma cesta e colocou-a no pescoço diante dos atônitos americanos. Afinal, naquele dia, o basquete brasileiro ultrapassou seus limites e renasceu para a glória. Como, de fato, merecia

O escândalo de Ben Johnson: recorde fabricado nos 100 m

# O BRASIL PISA FUNDO

*Em meio à revolução dos motores e muitas emoções, os brasileiros consolidam sua hegemonia*



O circo da Fórmula 1 dobrou-se diante dos pilotos brasileiros. Enquanto permaneceu na Williams, Nelson Piquet (acima) faturou o tricampeonato, mas na Lotus deixou de disputar diretamente o título. Já Ayrton Senna, com a soberana McLaren (à esq.), voou baixo em 1988 e não deu a mínima chance para os inimigos. A temporada foi toda sua

Os anos 80 começaram para os brasileiros com a melancólica retirada de Emerson Fittipaldi (ver quadro) e a esperança da ascensão do iniciante Nelson Piquet. Mas a década reservava muito mais na Fórmula 1. Foi o melhor período para o Brasil no automobilismo mundial, exatamente quando os motores convencionais saíram de cena para a entrada dos possantes turbocomprimidos, com os quais nossos pilotos se deram muito bem. Piquet foi o primeiro campeão mundial com um turbo — o BMW — em 1983, época que já roncavam nas pistas os superalimentados engenhos da Ferrari, Porsche e Hart, concorrentes do pioneiro Renault, lançado três anos antes.

Essa guerra de potência atingiu o auge quando, junto dos Ford, Megatron e Judd, entrou no circuito o super-Honda, uma explosão japo-

nesa que destroçou a concorrência a partir de 1986.

Ironicamente, a revolução oriental acabou selando o retorno da Fórmula 1 aos motores aspirados, em 1988. Afinal, como não podia conter a Honda na pista, a FISA inventou um novo regulamento. Pois

foi nessa fase de subida e queda dos turbos que os pilotos brasileiros dominaram o circo emplacando quatro títulos mundiais e fechando a década com um tri de Nelson Piquet (1981, 1983 e 1987), além do triunfo de Ayrton Senna em 1988. De quebra, foram computadas qua-

renta vitórias — vinte de cada um — e um histórico recorde de 42 pole positions de Senna. Marca espetacular, que garante ao Brasil a hegemonia da década da F 1, deixando ingleses, italianos e franceses na poeira.

Como sempre, foram os ases da

Ayrton Senna celebra a vitória entre Piquet (à esq.) e Prost: três inimigos da F 1 se encontram no pódio





G. S. B.

velocidade que fizeram o show. O austríaco Niki Lauda voltou, viu e venceu seu terceiro campeonato em 1984. Foi o último elo entre as décadas de 70 e 80. Uma era que viu surgir no GP da Argentina, de 1980, o francês Alain Prost, recordista de vitórias na F1 (36), e que consagrou o duelo entre as estrelas contemporâneas como Piquet, Mansell, Alboreto, Arnoux, Patrese, Berger e o voador Ayrton Senna — candidato a mito no circo. Os pegos mais emocionantes e perigosos foram protagonizados por Piquet e Alan Jones — campeão em 1980 —; Lauda e Prost; Piquet e Mansell; e Senna e Prost. Mestres que decidiram entre si os títulos, recordes e riscos nos dez anos em que reinou a McLaren, com metade dos campeonatos dos construtores. A Williams ficou com três e a Brabham com dois. A Ferrari, sem títulos, chorou ainda a morte do lendário comendador Enzo Ferrari, em 1988.

Foi uma fase em que não faltaram tragédias. Giles Villeneuve, Patrick Depailler, Elio de Angelis, Stefan Bellof e Manfred Winkelhock desapareceram vítimas do amor à velocidade. Mas os acidentes também serviram para mostrar a evolução da segurança dos protótipos. Berger, Mansell, Piquet e Senna escaparam ilesos de graves acidentes. A maior prova do progresso foi dada por Maurício Gugelmin no GP da França deste ano, quando encenou o vôo da década: decolou por cima de vários carros e aterrisou são e salvo. O perigo maior agora está no tapetão, com

os cartolas da FISA multando, suspendendo e obrigando os pilotos a competirem em pistas inseguras e, às vezes, sob chuvas diluvianas.

Os anos 80 também marcaram a investida de novos pilotos, a maioria sem sucesso. Quase uma centena tentou a sorte nessa roleta da fortuna e da glória. A maior parte vem da Itália, como Beppe Gabbiani; Teo e Conrado Fabbri; Mauro Baldi; De Angelis; Alboreto; De Cesaris; Giacomelli; Ghinzani; Palletti; Forini; Tarquini; Caffi; Capelli; Larini; e o atual trio esperança — Martini, Modena e Nanini. Todos competindo com o veterano Patrese, recordista da F1 com 182 GPs disputados.

L

ÉMERSON FITTIPALDI

## E O RATO RENASCEU

Quando Emerson Fittipaldi trocou a competitiva McLaren pela Copersucar, em 1976, os mais apressados proclamaram seu suicídio profissional. Depois, todos tiveram certeza do fim da carreira do piloto que não se classificou para o Grande Prêmio da Bélgica daquele ano. Impressão reforçada pela ausência de Emerson nos GPs da Alemanha e Itália, em 1977. Ao abandonar o volante para se tornar chefe de Keke Rosberg e Chico Serra, na inviável Fittipaldi Automotiva, ele estava aparentemente morto no circo da Fórmula 1. Os críticos até cunharam seu "epitáfio": "Emerson Fittipaldi, piloto de Fórmula 1 — 1970-1980. Bicampeão do mundo em 1972 e 1974 e vice em 1973 e 1975. Catorze vitórias, seis pole positions e seis recordes de pista". Já o piloto francês Jacques Laffi-

te lamentou a perda: "Ele foi o maior cavalheiro da Fórmula 1, dentro e fora dos circuitos".

Mas era apenas uma parada temporária do grande Rato. O piloto que mostrou o caminho das pedras por onde pisaram Nelson Piquet, Ayrton Senna e José Carlos Pace, entre outros, ressurgiu na Fórmula Indy há três anos para provar que ainda tinha coragem e talento para competir no meio dos super-homens norte-americanos. Vestiu sua capa de rato voador e decolou por cima de festejados velocistas como Ricky Mears, Pancho Carter, Danny Sullivan, Mario e Michael Andretti, Al Unser e seu filho Junior. Tornou-se o piloto mais rápido do mundo ao cravar a velocidade de 360,222 km/h no circuito oval de Michigan. Faturou as 500 Milhas de Indianápolis e sagrou-se campeão da Indy de 1989. Um campeão de dois mundos da velocidade ou, no mínimo, um sujeito teimoso, que insiste em adiar seu epitáfio. O Rato está vivo.

**Emerson campeão da Indy: o piloto mais rápido do mundo não estava morto**



LEONARDO MARTINS

## CAMPEÕES ESTADUAIS

### ALAGOAS

1980 — CSA  
1981 — CSA  
1982 — CSA  
1983 — CRB  
1984 — CSA  
1985 — CSA  
1986 — CRB  
1987 — CRB  
1988 — CSA  
1989 — Capelense

### AMAZONAS

1980 — Nacional  
1981 — Nacional  
1982 — Rio Negro  
1983 — Nacional  
1984 — Nacional  
1985 — Nacional  
1986 — Nacional  
1987 — Rio Negro  
1988 — Rio Negro  
1989 — Rio Negro

### BAHIA

1980 — Vitória  
1981 — Bahia  
1982 — Bahia  
1983 — Bahia  
1984 — Bahia  
1985 — Vitória  
1986 — Bahia  
1987 — Bahia  
1988 — Bahia  
1989 — Vitória

### CEARA

1980 — Ceara  
1981 — Ceará  
1982 — Fortaleza  
1983 — Fortaleza  
1984 — Ceara  
1985 — Fortaleza  
1986 — Ceará  
1987 — Fortaleza  
1988 — Ferroviário  
1989 — Ceará

### DISTRITO FEDERAL

1980 — Brasília  
1981 — Taguatinga  
1982 — Brasília  
1983 — Brasília  
1984 — Brasília  
1985 — Sobradinho  
1986 — Sobradinho  
1987 — Brasília  
1988 — Tiradentes  
1989 — Taguatinga

### ESPIRITO SANTO

1980 — Desportiva  
1981 — Desportiva  
1982 — Rio Branco  
1983 — Rio Branco

1984 — Desportiva  
1985 — Rio Branco  
1986 — Desportiva  
1987 — Guarapari  
1988 — Ipiranga  
1989 — Desportiva

### GOIÁS

1980 — Vila Nova  
1981 — Goiás  
1982 — Vila Nova  
1983 — Goiás  
1984 — Vila Nova  
1985 — Atlético  
1986 — Goiás  
1987 — Goiás  
1988 — Atlético  
1989 — Goiás

### MARANHÃO

1980 — S. Correa  
1981 — Moto  
1982 — Moto  
1983 — Moto  
1984 — S. Correa  
1985 — S. Correa  
1986 — S. Correa  
1987 — S. Correa  
1988 — S. Correa  
1989 — Moto

### MATO GROSSO

1980 — Mixto  
1981 — Mixto  
1982 — Mixto  
1983 — Operário-VG  
1984 — Mixto  
1985 — Operário-VG  
1986 — Operário-VG  
1987 — Operário-VG  
1988 — Mixto  
1989 — Mixto

### M. GROSSO DO SUL

1980 — Operário  
1981 — Operário  
1982 — Comercial  
1983 — Operário  
1984 — Corumbense  
1985 — Comercial  
1986 — Operário  
1987 — Comercial  
1988 — Operário  
1989 — Operário

### MINAS GERAIS

1980 — Atlético  
1981 — Atlético  
1982 — Atlético  
1983 — Atlético  
1984 — Cruzeiro  
1985 — Atlético  
1986 — Atlético  
1987 — Cruzeiro  
1988 — Atlético  
1989 — Atlético

### PARÁ

1980 — Paysandu  
1981 — Paysandu  
1982 — Paysandu  
1983 — Tuna Luso  
1984 — Paysandu  
1985 — Paysandu  
1986 — Remo  
1987 — Paysandu  
1988 — Não decidiu  
1989 — Indefinido

### PARAIBA

1980 — Campinense  
1981 — Treze  
1982 — Treze  
1983 — Treze  
1984 — Botafogo  
1985 — Não decidiu  
1986 — Botafogo  
1987 — A. Esporte  
1988 — Botafogo  
1989 — Treze

### PARANÁ

1980 — Cascavel  
1981 — Londrina  
1982 — Atlético  
1983 — Atlético  
1984 — Pinheiros  
1985 — Atlético  
1986 — Coritiba  
1987 — Pinheiros  
1988 — Atlético  
1989 — Coritiba

### PERNAMBUCO

1980 — Sport  
1981 — Sport  
1982 — Sport  
1983 — Santa Cruz  
1984 — Náutico  
1985 — Náutico  
1986 — Santa Cruz  
1987 — Santa Cruz  
1988 — Sport  
1989 — Náutico

### PIAUI

1980 — River  
1981 — River  
1982 — Tiradentes  
1983 — Auto Esport  
1984 — Flamengo  
1985 — Piauí  
1986 — Flamengo  
1987 — Flamengo  
1988 — Flamengo  
1989 — River

### RIO DE JANEIRO

1980 — Fluminense  
1981 — Flamengo  
1982 — Vasco  
1983 — Fluminense

1984 — Fluminense  
1985 — Fluminense  
1986 — Flamengo  
1987 — Vasco  
1988 — Vasco  
1989 — Botafogo

### R.G. DO NORTE

1980 — América  
1981 — América  
1982 — América  
1983 — ABC  
1984 — ABC  
1985 — Alecrim  
1986 — Alecrim  
1987 — América  
1988 — América  
1989 — América

### R.G. DO SUL

1980 — Grêmio  
1981 — Inter  
1982 — Inter  
1983 — Inter  
1984 — Inter  
1985 — Grêmio  
1986 — Grêmio  
1987 — Grêmio  
1988 — Grêmio  
1989 — Grêmio

### SANTA CATARINA

1980 — Joinville  
1981 — Joinville  
1982 — Joinville  
1983 — Joinville  
1984 — Joinville  
1985 — Joinville  
1986 — Criciúma  
1987 — Joinville  
1988 — Avaí  
1989 — Criciúma

### SÃO PAULO

1980 — São Paulo  
1981 — São Paulo  
1982 — Corinthians  
1983 — Corinthians  
1984 — Santos  
1985 — São Paulo  
1986 — Inter  
1987 — São Paulo  
1988 — Corinthians  
1989 — São Paulo

### SERGIPE

1980 — Itabaiana  
1981 — Itabaiana  
1982 — Sergipe e Itabaiana  
1983 — Confiança  
1984 — Sergipe  
1985 — Sergipe  
1986 — Confiança  
1987 — Vasco  
1988 — Confiança  
1989 — Sergipe

## CAMPEÕES BRASILEIROS

### 1980 FLAMENGO

#### Jogo Final

#### FLAMENGO 3 X ATLETICO-MG 2

1.º junho/1980

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cr\$ 19 726 210; Público: 154 355; Gols: Nunes 7, Reinaldo 8 e Zico 44 do 1.º, Reinaldo 21 e Nunes 37 do 2.º; Expulsão: Reinaldo, Palhinha e Chicão

**FLAMENGO:** Raul, Toninho, Manguito, Marinho e Júnior; Andrade, Carpegiani (Adílio) e Zico; Tita, Nunes e Julio César (Carlos Alberto). Técnico: Cláudio Coutinho  
**ATLETICO-MG:** João Leite, Orlando (Silvestre), Osmar, Luizinho (Geraldão) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder. Técnico: Procópio Cardoso

### 1981 GRÊMIO

#### Jogo Final

#### SÃO PAULO 0 X GRÊMIO 1

3 maio/1981

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr\$ 33 819 400; Público: 95 106; Gol: Baltazar 19 do 2.º; Expulsão: Serginho  
**SÃO PAULO:** Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Dário Pereyra e Marinho Chagas; Elvío, Everton (Assis) e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva  
**GRÊMIO:** Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Casemiro; China, Wilson Tadei (Jurandir) e Paulo Isidoro; Tarciso, Baltazar e Odair (Renato Sá). Técnico: Ênio Andrade

### 1982 FLAMENGO

#### Jogo Final

#### GRÊMIO 0 X FLAMENGO 1

25 abril/1982

Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: Oscar Scolaro (SP); Renda: Cr\$ 29 256 000; Público: 62 256; Gol: Nunes 10 do 1.º

**GRÊMIO:** Leão, Paulo Roberto, Newmar, De León e Paulo César; Batista, Paulo Isidoro e Wilson Tadei; Renato, Baltazar (Paulinho) e Tonho (Odair). Técnico: Ênio Andrade

**FLAMENGO:** Raul, Leandro (Antunes), Figueiredo, Marinho e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Lico, Nunes (Vitor) e Tita. Técnico: Paulo César Carpegiani

### 1983 FLAMENGO

#### Jogo Final

#### FLAMENGO 3 X SANTOS 0

29 maio/1983

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Arnaldo César Coelho (RJ); Renda: Cr\$ 168 700 000; Público: 155 253; Gols: Zico 40s e Leandro 39 do 1.º; Adílio 44 do 2

**FLAMENGO:** Raul, Leandro, Marinho, Figueiredo e Júnior; Vitor, Adílio e Elden; Baltazar (Robertinho), Zico e Julio César (Ademir). Técnico: Carlos Alberto Torres

**SANTOS:** Marolla, Toninho Oliveira, Joãozinho, Toninho Carlos e Gilberto, Toninho Silva (Serginho II), Paulo Isidoro e Pita; Camargo (Paulinho Batistote), Serginho e João Paulo. Técnico: Formiga

### 1984 FLUMINENSE

#### Jogo Final

#### FLUMINENSE 0 X VASCO 0

27 maio/1984

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Romualdo Arppi Filho (SP); Renda: Cr\$ 638 160 000; Público: 128 781; Cartão amarelo: Roberto, Romerito, Daniel González, Aldo, Mário e Jandir

**FLUMINENSE:** Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo e Branco; Jandir, Romerito e Assis; Delei, Washington e Tato. Técnico: Carlos Alberto Parreira

**VASCO:** Roberto Costa, Edvaldo, Daniel González, Ivu e Ailton; Pires, Mario e Arturzinho; Jussé (Marcelo), Roberto e Marquinho. Técnico: Edu  
Obs.: Como venceu o primeiro jogo por 1 x 0, no dia 24 de maio, o Fluminense sagrou-se campeão.

### 1985 CORITIBA

#### Jogo Final

#### BANGU 1 X CORITIBA 1

31 julho/1985

Local: Maracanã (Rio de Janeiro)

neiro): Juiz: Romualdo Arppi Filho (SP); Renda: Cr\$ 848 064 000; Público: 91 527; Gols: Índio 26 e Lulinha 37 do 1.º

**BANGU:** Gilmar, Márcio, Jair, Oliveira e Baby; Israel, Lulinha (Gílson) e Mário; Marinho, João Cláudio (Pingo) e Ado. Técnico: Moisés  
**CORITIBA:** Rafael, André, Gomes, Heraldo e Dida; Almir (Vavá), Marildo (Marco Aurélio) e Toby; Lela, Índio e Edson. Técnico: Ênio Andrade

**Na prorrogação:** 0 x 0

**Nos pênaltis:** Coritiba 6 x Bangu 5 — Índio, Vavá, Marco Aurélio, Lela, Edson e Gomes marcaram para o Coritiba; e Gílson, Pingo, Márcio, Marinho e Mário marcaram para o Bangu. Ado errou o pênalti decisivo.

## 1986 SÃO PAULO

**Jogo Final**  
**GUARANI 1 X SÃO PAULO 1**  
25/fevereiro/1987  
**Local:** Brinco de Ouro (Campinas); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda:

Cz\$ 4 222; Público: 37 370; Gols: Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1.º; Cartão amarelo: Ricardo e Careca; Expulsão: Vágner (Gua) 12 do 1.º da prorrogação

**GUARANI:** Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo, Valdir Carioca e Zé Mário; Tite (Vágner), Tosin e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. Técnico: Carlos Gainete

**SÃO PAULO:** Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Dário Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidnei (Rômulo). Técnico: Pepe

**Na prorrogação:** 2 x 2 — Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1.º; João Paulo 2 e Careca 13 do 2.º

**Nos pênaltis:** Guarani 3 x São Paulo 4. Tosin, Valdir Carioca e Evair, para o Guarani; Dário Pereyra, Rômulo, Fonseca e Wágner Basílio para o São Paulo. Erraram: Marco Antônio Boiadeiro e João Paulo, pelo Guarani; e Careca, pelo São Paulo



No Maracanã, Inter e Flamengo decidem a Copa União de 1987



A final do Campeonato Brasileiro de 1986: Guarani x São Paulo

## 1987 FLAMENGO

**Jogo Final**  
**FLAMENGO 1 X INTER 0**  
13/dezembro/1987  
**Local:** Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: Cz\$ 20 452 800; Público: 91 034; Gol: Bebeto 16 do 1.º; Cartão amarelo: Aloísio e Edinho  
**FLAMENGO:** Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton e Zico (Flávio); Renato, Bebeto e Zinho. Técnico: Carlinhos

**INTERNACIONAL:** Taffarel, Luiz Carlos, Aloísio, Nenê e Paulo Roberto (Beto); Norberto, Luís Fernando e Balaço; Héider (Manu), Amarildo e Brites. Técnico: Ênio Andrade

## 1988 BAHIA

**Jogo Final**  
**INTERNACIONAL 0 X BAHIA 0**  
19/fevereiro/1989  
**Local:** Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia (SP); Renda: NCz\$ 57 304; Público: 79 598; Cartão amarelo: João Marcelo, Gil, Norberto e Edu  
**INTERNACIONAL:** Taffarel, Luiz Carlos, Aguirregaray, Norton e Casemiro; Norberto, Luís Carlos Martins e

Luís Fernando; Maurício (Héider), Nílson e Edu (Diego Aguirre). Técnico: Abel  
**BAHIA:** Ronaldo, Tarantini, João Marcelo, Claudir (Newmar) e Paulo Róbson; Paulo Rodrigues, Zé Carlos e Bobô (Osmar); Gil, Charles e Marquinhos. Técnico: Evaristo de Macedo

Obs.: O Bahia tornou-se campeão, pois havia vencido o primeiro jogo, em Salvador (2 x 1), e jogava pelo empate.

## 1989 VASCO

**Jogo Final**  
16/dezembro/1989

**SÃO PAULO 0 X VASCO 1**  
**Local:** Morumbi (São Paulo); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: NCz\$ 2 394 435; Público: 71 552; Gol: Sorato 5 do 2.º; Cartão amarelo: Luiz Carlos, Acácio e Zé do Carmo

**SÃO PAULO:** Gilmar, Netinho, Adílson, Ricardo e Nelsinho; Flávio, Bobô e Raí; Mário Tilico, Ney e Edivaldo (Paulo César). Técnico: Carlos Alberto Silva

**VASCO:** Acácio, Luiz Carlos, Quiñónez, Marco Aurélio e Mazinho; Zé do Carmo, Marco Antônio Boiadeiro e Bismarck; Sorato, Bebeto e William. Técnico: Nelsinho

## COPAS DO MUNDO

### COPA DA ESPANHA 1982

Jogo Final

#### ITALIA 3 X ALEMANHA OC. 1

11/julho/1982

**Local:** Santiago Barnabeu (Madri); Juiz: Arnaldo César Coelho (Brasil); Gols: Paolo Rossi 12, Tardelli 23, Altobelli 35 e Breitner 37 do 2.º; Cartão amarelo: Conti, Dremmler, Orioli, Stielike e Litbarski

**ITALIA:** Zoff, Gentile, Colovati, Scirea e Cabrini; Tardelli, Orioli e Bergomi; Conti, Paolo Rossi e Graziani (Altobelli, depois Causio). Técnico: Enzo Bearzot

**ALEMANHA:** Schumacher, Kaltz, Stielike, Karl-Heinz Förster e Briegel; Bernard Förster, Dremmler (Hrubesch) e Breitner; Rummenigge (Müller), Fischer e Litbarski. Técnico: Jupp Derwal

#### CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º Itália
- 2.º Alemanha Oc.
- 3.º Polônia
- 4.º França
- 5.º Brasil
- 6.º Inglaterra
- 7.º União Soviética
- 8.º Áustria
- 9.º Bélgica
- 10.º Irlanda do Norte
- 11.º Argentina
- 12.º Argélia
- 13.º Espanha
- 14.º Hungria
- 15.º Escócia
- 16.º Iugoslávia
- 17.º Camarões
- 18.º Peru
- 19.º Honduras
- 20.º Tchecoslováquia
- 21.º Kuwait
- 22.º Chile
- 23.º Nova Zelândia
- 24.º El Salvador

### COPA DO MEXICO 1986

Jogo Final

#### ARGENTINA 3 X ALEMANHA OC. 2

29/junho/1986

**Local:** Estádio Azteca (Cidade do México); Juiz: Romualdo Arppi Filho (Brasil); Gols: Brown 22 do 1.º; Valdano 11, Rummenigge 29, Völler 37 e Burruchaga 40 do 2.º; Cartão amarelo: Matthäus, Briegel, Maradona, Olarticoechea, Enrique e Pumpido

**ARGENTINA:** Pumpido, Cucchiuffo, Ruggeri, Brown e Olarticoechea; Batista, Giustini, Enrique e Burruchaga (Trobiani); Maradona e Valdano. Técnico: Carlos Salvador Bilardo

**ALEMANHA:** Schumacher, Berthold, Förster, Jakobs e Briegel; Eder, Brehme, Matthäus e Magath (Höness); Rummenigge e Allofs (Völler). Técnico: Franz Beckenbauer

#### CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º Argentina
- 2.º Alemanha Oc.
- 3.º França
- 4.º Bélgica
- 5.º Brasil
- 6.º México
- 7.º Espanha
- 8.º Inglaterra
- 9.º Dinamarca
- 10.º União Soviética
- 11.º Marrocos
- 12.º Itália
- 13.º Paraguai
- 14.º Polônia
- 15.º Bulgária
- 16.º Uruguai
- 17.º Portugal
- 18.º Hungria
- 19.º Escócia
- 20.º Coreia do Sul
- 21.º Irlanda do Norte
- 22.º Argélia
- 23.º Iraque
- 24.º Canadá

## CAMPEONATO EUROPEU DE SELEÇÕES

- 1980 — Alemanha Oc.  
1984 — França  
1988 — Holanda

## MUNDIAL INTERCLUBES

- 1980 — Nacional (Uruguai)  
1981 — Flamengo (Brasil)  
1982 — Peñarol (Uruguai)  
1983 — Grêmio (Brasil)  
1984 — Independiente (Arg.)  
1985 — Juventus (Itália)  
1986 — River Plate (Arg.)  
1987 — Porto (Portugal)  
1988 — Nacional (Uruguai)



Na final da Copa de 82, a Itália vence a Alemanha Ocidental

## TACA LIBERTADORES DA AMÉRICA

- 1980 — Nacional (Uruguai)  
1981 — Flamengo (Brasil)  
1982 — Peñarol (Uruguai)  
1983 — Grêmio (Brasil)  
1984 — Independiente (Arg.)  
1985 — Argentinos Juniors (Arg.)  
1986 — River Plate (Arg.)  
1987 — Peñarol (Uruguai)  
1988 — Nacional (Uruguai)  
1989 — Nacional (Colômbia)

## COPA DOS CAMPEÕES

- 1980 — Nottingham (Inglaterra)  
1981 — Liverpool (Inglaterra)  
1982 — Aston Villa (Inglaterra)  
1983 — Hamburgo (Al. Oc.)  
1984 — Liverpool (Inglaterra)  
1985 — Juventus (Itália)  
1986 — Steaua Bucarest (Romênia)  
1987 — Porto (Portugal)  
1988 — PSV Eindhoven (Holanda)  
1989 — Milan (Itália)

## RECOPA

- 1980 — Valencia (Espanha)  
1981 — Dinamo Tbilisi (URSS)  
1982 — Barcelona (Espanha)  
1983 — Aberdeen (Escócia)  
1984 — Juventus (Itália)  
1985 — Everton (Inglaterra)  
1986 — Dinamo Kiev (URSS)  
1987 — Ajax (Holanda)  
1988 — Malines (Bélgica)  
1989 — Barcelona (Espanha)

## COPA DA UEFA

- 1980 — Eintracht (Al. Oc.)  
1981 — Ipswich (Inglaterra)  
1982 — Göttingen (Suécia)  
1983 — Anderlecht (Bélgica)  
1984 — Tottenham (Inglaterra)

- 1985 — Real Madrid (Espanha)  
1986 — Real Madrid (Espanha)  
1987 — Göttingen (Suécia)  
1988 — Bayer Leverkusen (Alemanha Oc.)  
1989 — Napoli (Itália)

## CAMPEONATO ITALIANO

- 1980 — Internazionale  
1981 — Juventus  
1982 — Juventus  
1983 — Roma  
1984 — Juventus  
1985 — Verona  
1986 — Juventus  
1987 — Napoli  
1988 — Milan  
1989 — Internazionale

## CAMPEONATO PORTUGUÊS

- 1980 — Sporting  
1981 — Benfica  
1982 — Sporting  
1983 — Benfica  
1984 — Benfica  
1985 — Porto  
1986 — Porto  
1987 — Benfica  
1988 — Porto  
1989 — Benfica

## CAMPEONATO ESPANHOL

- 1980 — Real Madrid  
1981 — Real Sociedad  
1982 — Real Sociedad  
1983 — Atlético de Bilbao  
1984 — Atlético de Bilbao  
1985 — Barcelona  
1986 — Real Madrid  
1987 — Real Madrid  
1988 — Real Madrid  
1989 — Real Madrid

## COPA DO BRASIL

Jogo Final

#### GRÊMIO 2 X SPORT 1

2/setembro/89

**Local:** Olímpico (Porto Alegre); Juiz: José de Assis Aragão (SP); Renda: NCZ\$ 548 096; Público: 62 807; Gols: Assis 9 e Mazarópi (contra) 31 do 1.º; Cuca 7 do 2.º; Cartão amarelo: Alfinete, Assis e Aírton; Expulsão: Betão 45 do 2.º

**GRÊMIO:** Mazarópi, Alfinete (Trasante), Luís Eduardo, Edinho e Hélcio; Jandir, Lino e Assis; Cuca, Nando (Almir) e Paulo Egídio. Técnico: Cláudio Duarte  
**SPORT:** Rafael, Betão, Márcio Alcântara, Aílton e Aírton; Rogério (André), Lopes (Edinho) e Joécio; Barbosa, Marcus Vinícius e Edson. Técnico: Nereu Pinheiro



EDITORIA ABRIL

ENDEREÇOS E TELEFONES

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400.  
Tel.: (011) 877-1322, CEP 02909, Caixa Postal 2372

## PLACAR

### SÃO PAULO

**Redação, Publicidade e Correspondência:** R. G. Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa 2372, tel.: (011) 545-8122, Telex (011) 23227, 24134, FAX: (011) 522-1504, Telegramas: Editora Placar. **Administração:** R. Jaguaré, 213, Casa de, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

### ESCRITÓRIOS

**BRASIL**  
**Belo Horizonte:** R. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, CEP 30170, tel.: (031) 275-1085

**Brasília:** SCS - Quadra 1, n.º 30, Edifício Centro, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: 224-9150, Telex (061) 1464, FAX: (061) 226-7592

**Campanas:** R. Sacramento, 126, 13.º andar, cj. 13, 13013, tel.: (0192) 32-1700

**Curitiba:** R. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, e 6, Beiro Alto da Quinze, CEP 80040, tel.: 262-9833, Telex (041) 5278

**Florianópolis:** Av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 2.º sala 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, (0481) 004

**Fortaleza:** Av. Santos Dumont, 3060, salas 418-419, Aldeota, CEP 80150, tel.: (085) 244-0410, Telex 1807

**Novo Hamburgo:** Av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 95-1293

**Porto Alegre:** Av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abridpress

**Recife:** Av. Dantas Barreto, 1166, 9.º andar, 903 e 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: 224-0977, Telex (081) 1184

**Ribeirão Preto:** Av. Presidente Vargas, 1033, A Boa Vista, CEP 14020, tel.: (016) 623-4262, 4291

**Rio de Janeiro:** R. da Passagem, 123, 6.º e 11.º andares, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Abridpress

**Salvador:** R. Itabuna, 304, Pq. Cruz Aguiar, Rio Vermelho, CEP 41910, tel.: (071) 247-3999, Telex (071) 1184

**EXTERIOR**

**Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (0) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (0) 983-0972

**Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, (00331) 42.66.31.16, Telex (0042) 660731 AB, FAX: (00331) 42.66.13.99

### REVISTAS PUBLICADAS

#### PELA EDITORA ABRIL

#### Interesse Geral

VEJA • GUIA RURAL  
GUIA DO ESTUDANTE • ALMANAQUE ABRIL  
SUPERINTERESSANTE

#### Economia e Negócios

#### EXAME

#### Automobilismo e Turismo

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

#### Esportes

#### PLACAR

#### Masculinas

#### PLAYBOY

#### Femininas

CLAUDIA • CLAUDIA MODA

ELLE • NOVA

MANEQUIM • MONTRICOT

CAPRICHIO • MAXIMA

#### Decoração e Arquitetura

CASA CLAUDIA

ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO

Infância-Juvenis

O PATO DONALD, MICKEY, ZE CARDO, TIO PATINHAS, MARGARIDA, DISNEY JUNIORS, URTIGÃO, ALEGRIA E COMPANHIA, ALEGRIA EM QUADRINHOS, FOFÃO, PATRÍCIA, O GORDO E CIA, A TURMA DA FOFURA, HE MAN, THUNDERCATS, HOMEM ARANHA, CONAN, BOLINHA, LULUZINHA, MISTO QUENTE, SELEÇÃO DE CROMOS

# FELIZ DÉCADA NOVA

Já imaginou se os melhores atletas do mundo se reunissem para gravar o clip "Adeus Anos 80, Feliz Década 90"? Confira o que iria rolar nos bastidores.



**Editora Abril**

Editor e Diretor  
VICTOR CIVITA

Diretor Superintendente

Roberto Civita

Diretores: Angelo Rossi,

Edgard de Sílvia Faria, Ike Zarnati,

José Augusto Pinto Moreira,

Plácido Loriggio, Raymond Cohen,

Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

Diretor de Assuntos Corporativo

Guilherme Velloso

**DIVISÃO REVISTAS**

Diretor: Thomaz Souto Corrêa

Diretores de Área

Antonio Carlos Ribeiro da Silva,

Carlos Roberto Berlinck,

Miguel Sanches,

Oswaldo de Almeida,

Ricardo Vieira de Moraes,

Vanderlei Bueno

## PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfoury

REDAÇÃO

Chefes de Redação: Alfredo Ogawa e Alvaro Almeida

Editor: Mário Sérgio Venditi

Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres

Reporters: Edson Rossi, Katia Perin, Ubiratan Brasil

Fotógrafos: Nelson Coelho, Orlando Kissner, Silvio Porto

Editor de Arte: Walter Mazzuchelli

Chefe de Arte: Alberto S.L. Magalhães

Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva,

José Jonas de Lima, José da Luz Tenório,

José Dionísio Filho, Rosalina Sasaki, Sérgio Prado Martins

Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, René Santos Filho

Preparação de Texto: José Gustavo Vasconcelos

Produção: Sebastião Silva

Atendimento ao Leitor: Márcio Rodrigues

SUCURSAIS

Rio de Janeiro - Chefe: Carlos Orietti

Reporters Rio: Gilmar Ferreira, Jorge Luiz Rodrigues, Marília Esteves; Fotógrafos: Ari Gomes, Milton Claudino da Silva; Produção: Marcelo de Jesus; Belo Horizonte - Reporters: Manuel Muniz; Fotógrafo: Nêlio Rodrigues; Curitiba - Reporters: Roberto José da Silva; Fotógrafo: Sérgio Sade; Porto Alegre - Reporters: Divino Fonseca; Fotógrafo: Lemyr Martins; Salvador - Reporters: Luiz Brito

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente: Judith Baroni

Escritório Nova York: Dorit Harazin (gerente), Frances Furness (assistente)

Escritório Paris: Fernando Pacheco Jordão (gerente), Alvaro Teixeira (assistente)

Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo

Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli

Automação Editorial - Gerente: Julio Bartolo

COMERCIAL

Diretor de Publicidade: Eduardo Granja Russo

Gerente Comercial: Marlene Conti Canto

Assistente Comercial: Rafael Vieira Filho

Coordenadora: Tieto Kunyuki

Supervisor: Ricardo O. Lima (RJ)

Contato: Alda Nogueira (SP)

Diretor Regional: Dreyllus Soares

Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizonte); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Paulo Cesar D. Zambotti (Campinas); Angelo A. Costi (Curitiba); Geraldo Nilson de Azevedo (Florianópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Elcenho Engel (Porto Alegre); Ana Maria de Oliveira (Recife); Elisabeth Silveira (Salvador)

Representante: Intermedia (Ribeirão Preto)

Diretora de Promoção e Pesquisa de Mídia: Haydee Gomes Guersoni

Diretor de Propaganda: Ivo Carlos De Maria

**DIRETORES DIVISIONAIS**

Diretor Assinaturas: Eduardo Frezza

Diretor Publicidade Regional: Julio Così

Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A.

Ninguém está credenciado a angariar assinaturas, se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornalista ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade.

Pedidos pelo Correio DINAP - Estrada Velha do Osasco, 132, Jardim-Éreza, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados.

Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: (011) 823-9222

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

**IVZ**

# As imagens mais vibrantes do futebol em 89!

## PLACAR



**HUMOR • DRAMA • VIOLÊNCIA • EMOÇÃO**

# AS MELHORES FOTOS DE 89

Nas bancas a partir do dia 10 de janeiro

